

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Luís de Camões
Canções e Elegias



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Luís de Camões

Canções e Elegias

Publicado originalmente em 1595.

**Luís Vaz de Camões
(1524 – 1580)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 376



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Luís de Camões: *“Canções e Elegias”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Luís Vaz de Camões nasceu provavelmente em Lisboa em 1524, e morreu na mesma cidade no dia 10 de Junho de 1580. Foi um poeta de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura em língua portuguesa e um dos mais conhecidos poetas do Ocidente.

Pouco se sabe com certeza sobre a sua vida. Aparentemente nasceu em Lisboa, de uma família da pequena nobreza. Sobre a sua infância tudo é conjectura mas, ainda jovem, terá recebido uma sólida educação nos moldes clássicos, dominando o latim e conhecendo a literatura e a história antigas e modernas. Pode ter estudado na Universidade de Coimbra, mas a sua passagem pela escola não é documentada. Frequentou a corte de Dom João III, iniciou a sua carreira como poeta lírico e envolveu-se, como narra a tradição, em amores com damas da nobreza e possivelmente plebeias, além de levar uma vida boêmia e turbulenta. Diz-se que, por conta de um amor frustrado, se autoexilou em África, alistado como militar, onde perdeu um olho em batalha. Voltando a Portugal, feriu um servo do Paço e foi preso. Perdoado, partiu para o Oriente. Passando lá vários anos, enfrentou uma série de adversidades, foi preso várias vezes, combateu ao lado das forças portuguesas e escreveu a sua obra mais conhecida, a epopeia nacionalista *Os Lusíadas*. De volta à pátria, publicou *Os Lusíadas* e recebeu uma pequena pensão do rei Dom Sebastião pelos serviços prestados à Coroa, mas nos seus anos finais parece ter enfrentado dificuldades para se manter.

Logo após a sua morte a sua obra lírica foi reunida na coletânea Rimas, tendo deixado também três obras de teatro cômico. Enquanto viveu queixou-se várias vezes de alegadas injustiças que sofrera, e da escassa atenção que a sua obra recebia, mas pouco depois de falecer a sua poesia começou a ser reconhecida como valiosa e de alto padrão estético por vários nomes importantes da literatura europeia, ganhando prestígio sempre crescente entre o público e os conhecedores e influenciando gerações de poetas em vários países. Camões foi um renovador da língua portuguesa e fixou-lhe um duradouro cânone; tornou-se um dos mais fortes símbolos de identidade da sua pátria e é uma referência para toda a comunidade lusófona internacional. Hoje a sua fama está solidamente estabelecida e é considerado um dos grandes vultos literários da tradição ocidental, sendo traduzido para várias línguas e tornando-se objeto de uma vasta quantidade de estudos críticos.

Boa parte das informações sobre a biografia de Camões suscita dúvidas e, provavelmente, muito do que sobre ele circula não é mais do que o típico folclore que se forma em torno de uma figura célebre. São documentadas apenas umas poucas datas que balizam a sua trajetória. A Casa ancestral dos

Camões tinha as suas origens na Galiza, não longe do Cabo Finisterra. Por via paterna, Luís de Camões seria descendente de Vasco Pires de Camões, trovador galego, guerreiro e fidalgo, que se mudou para Portugal em 1370 e recebeu do rei grandes benefícios em cargos, honras e terras, e cujas poesias, de índole nacionalista, contribuíram para afastar a influência bretã e italiana e conformar um estilo trovadoresco nacional. O seu filho Antão Vaz de Camões serviu no Mar Vermelho e casou-se com Dona Guiomar da Gama, aparentada com Vasco da Gama. Deste casamento nasceram Simão Vaz de Camões, que serviu na Marinha Real e fez comércio na Guiné e na Índia, e outro irmão, Bento, que seguiu a carreira das Letras e do sacerdócio, ingressando no Mosteiro de Santa Cruz dos Agostinhos, que era uma prestigiada escola para muitos jovens fidalgos portugueses. Simão casou com Dona Ana de Sá e Macedo, também de família fidalga, oriunda de Santarém. Seu filho único, Luís Vaz de Camões, segundo Jayne, Fernandes e alguns outros autores, terá nascido em Lisboa, em 1524. Três anos depois, estando a cidade ameaçada pela peste, a família mudou-se, acompanhando a corte, para Coimbra.

Entretanto, outras cidades reivindicam a honra de ser o seu berço: Coimbra, Santarém e Alenquer. Apesar de os primeiros biógrafos de Camões, Severim de Faria e Manoel Correa, terem inicialmente dado o seu ano de nascimento como 1517, registros das Listas da Casa da Índia, mais tarde consultados por Manuel de Faria e Sousa, parecem estabelecer que Camões nasceu efetivamente em Lisboa, no ano de 1524. Os argumentos para tirar a sua naturalidade de Lisboa são fracos; mas esta tampouco está completamente fora de dúvida, e por isso a crítica mais recente considera seu local e data de nascimento incertos.

Sobre a sua infância permanece a incógnita. Aos doze ou treze anos teria sido protegido e educado pelo seu tio Bento que o encaminhou para Coimbra para estudar. Diz a tradição que foi um estudante indisciplinado, mas ávido pelo conhecimento, interessando-se pela história, cosmografia e literatura clássica e moderna. Contudo, o seu nome não consta dos registros da Universidade de Coimbra, mas é certo, a partir do seu elaborado estilo e da profusão de citações eruditas que aparecem nas suas obras que, de alguma forma, recebeu uma sólida educação. É possível que o próprio tio o tenha instruído, sendo a esta altura chanceler da Universidade e prior do Mosteiro de Santa Cruz, ou tenha estudado no colégio do mosteiro. Com cerca de vinte anos ter-se-ia transferido para Lisboa, antes de concluir os estudos. A sua família era pobre, mas sendo fidalga, pôde ser admitido e estabelecer contactos intelectuais frutíferos na corte de Dom João III, iniciando-se na poesia.

Foi aventado que ganhava a vida como preceptor de Francisco, filho do Conde de Linhares, Dom António de Noronha, mas hoje em dia isso parece pouco plausível. Conta-se também que levava uma vida boêmia, frequentando tavernas e envolvendo-se em arruaças e relações amorosas tumultuosas. Várias

damas aparecem citadas pelo nome em biografias tardias do poeta como tendo sido objeto de seus amores, mas embora não se negue que deva ter amado, e até mais de uma mulher, aquelas identificações nominais são atualmente consideradas adições apócrifas à sua lenda. Entre elas, por exemplo, falou-se de uma paixão pela Infanta Dona Maria, irmã do rei, audácia que lhe teria valido um tempo na prisão, e Catarina de Ataíde, que, sendo outro amor frustrado, segundo versões teria causado o seu autoexílio, primeiro no Ribatejo, e depois alistando-se como soldado em Ceuta. Os motivos para a viagem são duvidosos, mas a sua estada ali é aceite como fato, permanecendo dois anos e perdendo o olho direito em batalha naval no Estreito de Gibraltar. De regresso a Lisboa, não tardou em retomar a vida boêmia.

Data de 1550 um documento que o dá como alistado para viajar à Índia: "Luís de Camões, filho de Simão Vaz e Ana de Sá, moradores em Lisboa, na Mouraria; escudeiro, de 25 anos, barbirruivo, trouxe por fiador a seu pai; vai na nau de S. Pedro dos Burgaleses... entre os homens de armas". Afinal não embarcou de imediato. Numa procissão de Corpus Christi altercou com um certo Gonçalo Borges, empregado do Paço, e feriu-o com a espada. Condenado à prisão, foi perdoado pelo agravado em carta de perdão. Foi libertado por ordem régia em 7 de março de 1553, que diz: "é um mancebo e pobre e me vai este ano servir à Índia". Manuel de Faria e Sousa encontrou nos registros da Armada da Índia, para esse ano de 1553, sob o título "Gente de guerra", o seguinte assento: "Fernando Casado, filho de Manuel Casado e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro; foi em seu lugar Luís de Camões, filho de Simão Vaz e Ana de Sá, escudeiro; e recebeu 2400 como os demais".

Viajou na nau São Bento, da frota de Fernão Álvares Cabral, que largou do Tejo em 24 de março de 1553. Durante a viagem passou pelas regiões onde Vasco da Gama navegara, enfrentou uma tempestade no Cabo da Boa Esperança onde se perderam as três outras naus da frota, e aportou em Goa em 1554. Logo se alistou no serviço do vice-rei Dom Afonso de Noronha e combateu na expedição contra o rei de Chembé (ou "da Pimenta"). Em 1555, sucedendo a Noronha Dom Pedro Mascarenhas, este ordenou a Manuel de Vasconcelos que fosse combater os mouros no Mar Vermelho. Camões acompanhou-o, mas a esquadra não encontrou o inimigo e foi invernar a Ormuz, no Golfo Pérsico.

Provavelmente nesta época já iniciara a escrita de *Os Lusíadas*. Ao retornar a Goa em 1556, encontrou no governo Dom Francisco Barreto, para quem compôs o Auto de Filodemo, o que sugere que Barreto lhe fosse favorável. Os primeiros biógrafos, contudo, divergem sobre as relações de Camões com o governante. Na mesma época teria surgido a público uma sátira anônima criticando a imoralidade e a corrupção reinantes, que foi atribuída a Camões. Sendo as sátiras condenadas pelas Ordenações Manuelinas, terá sido preso por isso. Mas colocou-se a hipótese de a prisão ter ocorrido graças a dívidas

contraídas. É possível que permanecesse na prisão até 1561, ou antes disso tenha sido novamente condenado, pois, assumindo o governo Dom Francisco Coutinho, foi por ele liberto, empregado e protegido. Deve ter sido nomeado para a função de Provedor-mor dos Defuntos e Ausentes para Macau em 1562, desempenhando-a de fato de 1563 até 1564 ou 1565. Nesta época, Macau era um entreposto comercial ainda em formação, sendo um lugar quase deserto. Diz a tradição que ali teria escrito parte d'*Os Lusíadas* numa gruta, que mais tarde recebeu o seu nome.

Na viagem de volta a Goa, naufragou, conforme diz a tradição, junto à foz do rio Mekong, salvando-se apenas ele e o manuscrito d'*Os Lusíadas*, evento que lhe inspirou as célebres redondilhas Sobre os rios que vão, consideradas por António Sérgio a coluna vertebral da lírica camoniana, sendo reiteradamente citadas na literatura crítica. O trauma do naufrágio, conforme disse Leal de Matos, repercutiu mais profundamente numa redefinição do projeto d'*Os Lusíadas*, sendo perceptível a partir do Canto VII, sendo acusada já por Diogo do Couto, seu amigo, que em parte acompanhou a escrita. Provavelmente o seu resgate demorou meses a ocorrer, e não há registro de como isso ocorreu, mas foi levado a Malaca, onde recebeu nova ordem de prisão por apropriação indébita dos bens dos defuntos a ele confiados. Não se sabe a data exata de seu retorno a Goa, onde pode ter continuado preso ainda algum tempo. Couto refere que no naufrágio morreu Dinamene, uma donzela chinesa pela qual Camões se terá apaixonado, mas Ribeiro e outros afirmam que a história deve ser rejeitada. O vice-rei seguinte, Dom Antão de Noronha, era um amigo de longa data de Camões, tendo-o encontrado em Marrocos. Certos biógrafos afirmam que lhe foi prometido um posto oficial na feitoria de Chaul, mas não chegou a tomar posse. Severim de Faria disse que os anos finais passados em Goa foram entretidos com a poesia e com as atividades militares, onde sempre demonstrou bravura, prontidão e lealdade à Coroa.

É difícil determinar como terá sido o seu quotidiano no Oriente, além do que se pode extrapolar a partir de sua condição de militar. Parece certo que viveu sempre modestamente e pode ter compartilhado casa com amigos, "numa dessas repúblicas em que era costume associarem-se os reinóis", como citou Ramalho. Alguns desses amigos devem ter possuído cultura e assim a companhia ilustrada não devia estar ausente naquelas paragens. Ribeiro, Saraiva e Moura admitem que ele pode ter encontrado, entre outras figuras, com Fernão Mendes Pinto, Fernão Vaz Dourado, Fernão Álvares do Oriente, Garcia de Orta e o já citado Diogo do Couto, criando-se oportunidades de debates literários e assuntos afins. Pode ter frequentado também preleções em algum dos colégios ou estabelecimentos religiosos de Goa. Ribeiro acrescenta que: "Esta rapaziada que vivia em Goa, longe da Pátria e da família, no intervalo das campanhas contra o Turco (que ocorriam no verão) e muitos com pouco que fazer (no inverno), para além das preleções acima mencionadas e das

leituras compulsivas (das quais muito dos clássicos: Ovídio, Horácio, Virgílio), das mulheres e guitarradas, convivendo entre si independentemente das diferenças sociais, devia reinar, divertir-se quanto baste, mesmo quando fazia poesia, sobretudo sátiras, com forte e negativo impacto social na época, susceptível de pena de prisão (Ordenações Manuelinas, Título LXXIX), e por isso com o pique da aventura e do risco. Exemplo disso é a Sátira do Torneio, uma zombaria a que se refere Faria e Sousa e que, ao contrário da *Os Disbarates da Índia*, não temos notícia de uma contestação erudita da autoria camoniana e que pode estar na origem de uma das prisões do nosso vate."

É possível ainda que em tais reuniões, onde compareciam homens ao mesmo tempo de armas e de letras, e que buscavam, além do sucesso militar e a fortuna material, também a fama e a glória nascidas da cultura, como era uma das grandes aspirações do Humanismo do seu tempo, estivesse presente a ideia de uma academia, reproduzindo no Oriente, dentro das limitações do contexto local, o modelo das academias renascentistas como a fundada em Florença por Marsilio Ficino e seu círculo, onde eram cultivados os ideais neoplatônicos.

A convite, ou aproveitando a oportunidade de vencer parte da distância que o separava da pátria, não se sabe ao certo, em dezembro de 1567 Camões embarcou na nau de Pedro Barreto para Sofala, na ilha de Moçambique, onde este havia sido designado governador, e lá esperaria por um transporte para Lisboa em data futura. Os primeiros biógrafos dizem que Pedro Barreto era traiçoeiro, fazendo promessas vãs a Camões, de tal modo que, passados dois anos, Diogo do Couto o encontrou em precária condição, conforme se lê no registo que deixou:

"Em Moçambique achamos aquele Príncipe dos Poetas de seu tempo, meu matalote e amigo Luís de Camões, tão pobre que comia de amigos, e, para se embarcar para o reino, lhe ajuntamos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe desse de comer. E aquele inverno que estive em Moçambique, acabando de aperfeiçoar as suas *Lusíadas* para as imprimir, foi escrevendo muito em um livro, que intitulava *Parnaso de Luís de Camões*, livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe juntaram (roubaram). E nunca pude saber, no reino dele, por muito que inquiri. E foi furto notável.

Ao tentar seguir de volta com Couto foi embargado em duzentos cruzados por Barreto, por conta dos gastos que tivera com o poeta. Os seus amigos, porém, reuniram a quantia e Camões foi liberado, chegando a Cascais a bordo da nau Santa Clara em 7 de abril de 1570.

Depois de tantas peripécias, finalizou *Os Lusíadas*, tendo-os apresentado em recita para o rei Dom Sebastião. O rei, ainda um adolescente, determinou que o trabalho fosse publicado em 1572, concedendo também uma pequena pensão a

"Luís de Camões, cavaleiro fidalgo de minha Casa", em paga pelos serviços prestados na Índia. O valor desta pensão não excedeu os quinze mil réis anuais, o que se não era grande coisa, também não era tão pouca como se tem sugerido, considerando que as damas de honra do Paço recebiam cerca de dez mil réis. Para um soldado veterano, a soma deve ter sido considerada suficiente e honrosa na época. Mas a pensão só deveria se manter por três anos, e embora a outorga fosse renovável, parece que foi paga de forma irregular, fazendo com que o poeta passasse por dificuldades materiais.

Viveu seus anos finais num quarto de uma casa próxima da Igreja de Santa Ana, num estado, segundo narra a tradição, da mais indigna pobreza, "sem um trapo para se cobrir". Le Gentil considerou essa visão um exagero romântico, pois ainda podia manter o escravo Jau, que trouxera do oriente, e documentos oficiais atestam que dispunha de alguns meios de vida. Depois de ver-se amargurado pela derrota portuguesa na Batalha de Alcácer-Quibir, onde desapareceu Dom Sebastião, levando Portugal a perder sua independência para Espanha, adoeceu, segundo Le Gentil, de peste. Foi transportado para o hospital, e faleceu em 10 de junho de 1580, sendo enterrado, segundo Faria e Sousa, numa campa rasa na Igreja de Santa Ana, ou no cemitério dos pobres do mesmo hospital, segundo Teófilo Braga. A sua mãe, tendo-lhe sobrevivido, passou a receber a sua pensão em herança. Os recibos, encontrados na Torre do Tombo, documentam a data da morte do poeta, embora tenha sido preservado um epitáfio escrito por Dom Gonçalo Coutinho, onde consta, erroneamente, como tendo falecido em 1579. Depois do terremoto de 1755, que destruiu a maior parte de Lisboa, foram feitas tentativas para se reencontrar os despojos de Camões, todas frustradas. A ossada que foi depositada em 1880 numa tumba no Mosteiro dos Jerônimos é, com toda a probabilidade, de outra pessoa.

Os testemunhos dos seus contemporâneos descrevem-no como um homem de porte mediano, com um cabelo loiro arruivado, cego do olho direito, hábil em todos os exercícios físicos e com uma disposição temperamental, custando-lhe pouco engajar-se em brigas. Diz-se que tinha grande valor como soldado, exibindo coragem, combatividade, senso de honra e vontade de servir, bom companheiro nas horas de folga, liberal, alegre e espirituoso quando os golpes da fortuna não lhe abatiam o espírito e entristeciam. Tinha consciência do seu mérito como homem, como soldado e como poeta.

Todos os esforços feitos no sentido de se descobrir a identidade definitiva da sua musa foram vãos e várias propostas contraditórias foram apresentadas sobre supostas mulheres presentes na sua vida. O próprio Camões sugeriu, num dos seus poemas, que houve várias musas a inspirá-lo, ao dizer "em várias flamas variamente ardia". Nomes de damas supostas como suas amadas só constam primitivamente nos seus poemas, e podem pois ser figuras ideais; nenhuma menção a quaisquer damas identificáveis pelo nome é dada nas

primeiras biografias do poeta, as de Pedro de Mariz e a de Severim de Faria, que apenas recolheram boatos sobre "uns amores no Paço da Rainha". A citação de Catarina de Ataíde só surgiu na edição das Rimas de Faria e Sousa, em meados do século XVII, e a da Infanta, na de José Maria Rodrigues, que só foi publicada no início do século XX. A decantada Dinamene também parece ser uma imagem poética antes do que uma pessoa real. Ribeiro propôs várias alternativas para explicá-la: o nome talvez fosse um criptônimo de Dona Joana Meneses (D.I.na = D.loana + Mene), um de seus possíveis amores, que morrera a caminho das Índias e fora sepultada no mar, filha de Violante, condessa de Linhares, a quem também teria amado ainda em Portugal, e apontou a ocorrência do nome Dinamene em poemas escritos provavelmente em torno da chegada à Índia, antes de ter passado à China, onde se diz que teria encontrado a moça. Também referiu a opinião de pesquisadores que alegam a menção de Couto, a única referência primitiva à chinesa fora da própria obra camoniana, ter sido falsificada, sendo introduzida a *posteriori*, com a possibilidade de que se trate ainda de um erro de ortografia, uma corruptela de "dignamente". Na versão final do manuscrito de Couto, o nome nem teria sido citado, ainda que a comprovação seja difícil com o desaparecimento do manuscrito.

Provavelmente executado entre 1573 e 1575, o chamado "retrato pintado a vermelho", ilustrado na abertura do artigo, é considerado por Vasco Graça Moura como "o único e precioso documento fidedigno de que dispomos para conhecer as feições do épico, retratado em vida por um pintor profissional". O que se conhece desse retrato é uma cópia, feita a pedido do 3º duque de Lafões, executada por Luís José Pereira de Resende entre 1819 e 1844, a partir do original que foi encontrado num saco de seda verde nos escombros do incêndio do palácio dos Condes da Ericeira, Marqueses de Louriçal, e que entretanto desapareceu. É uma "fidelíssima cópia" que, "pelas dimensões restritas do desenho, a textura da sanguínea, criando manchas de distribuição dos valores, o rigor dos contornos e a definição dos planos contrastados, o neutro reticulado que harmoniza o fundo e faz ressaltar o busto do retratado, o tipo da barra envolvente nos limites da qual corre em baixo a esclarecedora assinatura, enfim, o aparato simbólico da imagem, captada em pose de ilustração gráfica de livro, se devia destinar à abertura de uma gravura a buril sobre chapa cúprica, para ilustração de uma das primeiras edições de *Os Lusíadas*".

Sobreviveu também uma miniatura pintada na Índia em 1581, por encomenda de Fernão Teles de Meneses e oferecida ao vice-rei Dom Luís de Ataíde, que, segundo testemunhos de época, era muito semelhante à sua aparência. Outro retrato foi encontrado nos anos 1970 por Maria Antonieta de Azevedo, datado de 1556 e mostrando o poeta na prisão. A primeira medalha com sua efígie apareceu em 1782, mandada cunhar pelo Barão de Dillon na Inglaterra, onde Camões figura corado de louros e vestido em cota de armas, com a inscrição

"Apollo Portuguez / Honra de Hespanha / Nasceo 1524 / Morreo 1579". Em 1793, uma reprodução desta medalha foi cunhada em Portugal, por ordem de Tomás José de Aquino, Bibliotecário da Real Mesa Censória.

Ao longo dos séculos a imagem de Camões foi representada inúmeras vezes em gravura, pintura e escultura, por artistas portugueses e estrangeiros, e vários monumentos foram erguidos em sua honra, destacando-se o grande Monumento a Camões instalado em 1867 na Praça Luís de Camões, em Lisboa, de autoria de Victor Bastos, e que é o centro de cerimônias públicas oficiais e manifestações populares. Também foi homenageado em composições musicais, apareceu com sua efígie em medalhas, cédulas monetárias, selos e moedas, e como personagem em romances, poesias e peças teatrais. O filme *Camões*, realizado por José Leitão de Barros, foi a primeira película portuguesa a participar do Festival de Cannes, em 1946. Entre os artistas célebres que o tomaram como modelo para suas obras se contam Bordalo Pinheiro, José Simões de Almeida, Francisco Augusto Metrass, António Soares dos Reis, Horace Vernet, José Malhoa, Vieira Portuense, Domingos Sequeira e Lagoa Henriques. Uma cratera no planeta Mercúrio e um asteroide da cintura principal receberam o seu nome.

Camões viveu na fase final do Renascimento europeu, um período marcado por muitas mudanças na cultura e sociedade, que assinalam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna e a transição do feudalismo para o capitalismo. Chamou-se "renascimento" em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da Antiguidade Clássica, que nortearam as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista que afirmava a dignidade do homem, colocando-o no centro do universo, tornando-o o investigador por excelência da natureza, e privilegiando a razão e a ciência como árbitros da vida manifesta. Nesse período foram inventados diversos instrumentos científicos e foram descobertas diversas leis naturais e entidades físicas antes desconhecidas; o próprio conhecimento da face do planeta modificou-se depois dos descobrimentos das grandes navegações. O espírito de especulação intelectual e pesquisa científica estava em alta, fazendo com que a Física, a Matemática, a Medicina, a Astronomia, a Filosofia, a Engenharia, a Filologia e vários outros ramos do saber atingissem um nível de complexidade, eficiência e exatidão sem precedentes, o que levou a uma concepção otimista da história da humanidade como uma expansão contínua e sempre para melhor. De certa forma, a Renascença foi uma tentativa original e eclética de harmonização do Neoplatonismo pagão com a religião cristã, do *eros* com a *charitas*, junto com influências orientais, judaicas e árabes, e onde o estudo da magia, da astrologia e do ocultismo não estavam ausentes. Foi também a época em que se começaram a criar fortes Estados nacionais, o comércio e as cidades se expandiram e a burguesia se tornou uma força de grande importância social

e econômica, contrastando com o relativo declínio da influência da religião nos assuntos do mundo.

No século XVI, época em que Camões viveu, a influência do Renascimento italiano expandiu-se por toda a Europa. Porém, várias das suas características mais típicas estavam a entrar em declínio, em particular por causa de uma série de disputas políticas e guerras que alteraram o mapa político europeu, perdendo a Itália o seu lugar como potência, e da cisão do Catolicismo, com o surgimento da Reforma Protestante. Na reação católica, lançou-se a Contra-Reforma, reativou-se a Inquisição e reacendeu-se a censura eclesiástica. Ao mesmo tempo, as doutrinas de Maquiavel se tornavam largamente difundidas, dissociando a ética da prática do poder. O resultado foi a reafirmação do poder da religião sobre o mundo profano e a formação de uma atmosfera espiritual, política, social e intelectual agitada, com fortes doses de pessimismo, repercutindo desfavoravelmente sobre a antiga liberdade de que gozavam os artistas. Apesar disso, as aquisições intelectuais e artísticas da Alta Renascença que ainda estavam frescas e resplandeciam diante dos olhos não poderiam ser esquecidas de pronto, mesmo que o seu substrato filosófico já não pudesse permanecer válido diante dos novos fatos políticos, religiosos e sociais. A nova arte que se fez, ainda que inspirada na fonte do classicismo, traduziu-o em formas inquietas, ansiosas, distorcidas, ambivalentes, apegadas a preciosismos intelectualistas, características que refletiam os dilemas do século e definem o estilo geral dessa fase como maneirista.

Desde meados do século XV que Portugal se afirmara como uma grande potência naval e comercial, desenvolviam-se as suas artes e fervia o entusiasmo pelas conquistas marítimas. O reinado de Dom João II foi marcado pela formação de um sentimento de orgulho nacional, e no tempo de Dom Manuel I, como dizem Spina & Bechara, o orgulho havia cedido ao delírio, à pura euforia da dominação do mundo. No início do século XVI Garcia de Resende lamentava-se de que não houvesse quem pudesse celebrar dignamente tantas façanhas, afirmando que havia material épico superior ao dos romanos e troianos. Preenchendo esta lacuna, João de Barros escreveu a sua novela de cavalaria, *A Crônica do Imperador Clarimundo* (1520), em formato de épico. Pouco depois apareceu António Ferreira, instalando-se como mentor da geração classicista e desafiando os seus contemporâneos a cantarem as glórias de Portugal em alto estilo. Quando Camões surgiu, o terreno estava preparado para a apoteose da pátria, uma pátria que havia lutado encarniçadamente para conquistar a sua soberania, primeiro dos mouros e depois de Castela, havia desenvolvido um espírito aventureiro que a levava pelos oceanos afora, expandindo as fronteiras conhecidas do mundo e abrindo novas rotas de comércio e exploração, vencendo exércitos inimigos e as forças hostis da natureza. Mas nesta altura, porém, a crise política e cultural já se anunciava, materializando-se logo após a sua morte, quando o país perdeu a sua soberania para Espanha.

A produção de Camões divide-se em três gêneros: o lírico, o épico e o teatral. A sua obra lírica foi desde logo apreciada como uma alta conquista. Demonstrou o seu virtuosismo especialmente nas canções e elegias, mas as suas redondilhas não lhes ficam atrás. De fato, foi um mestre nesta forma, dando uma nova vida à arte da glosa, instilando nela espontaneidade e simplicidade, uma delicada ironia e um fraseado vivaz, levando a poesia cortesã ao seu nível mais elevado, e mostrando que também sabia expressar com perfeição a alegria e a descontração. A sua produção épica está sintetizada n'*Os Lusíadas*, uma alentada glorificação dos feitos portugueses, não apenas das suas vitórias militares, mas também a conquista sobre os elementos e o espaço físico, com recorrente uso de alegorias clássicas. A ideia de um épico nacional existia no seio português desde o século XV, quando se iniciaram as navegações, mas coube a Camões, no século seguinte, materializá-la. Nas suas obras dramáticas procurou fundir elementos nacionalistas e clássicos.

Provavelmente se tivesse permanecido em Portugal, como um poeta cortesão, jamais teria atingido a maestria da sua arte. As experiências que acumulou como soldado e navegador enriqueceram sobremaneira a sua visão de mundo e excitaram o seu talento. Através delas conseguiu livrar-se das limitações formais da poesia cortesã e as dificuldades por que passou, a profunda angústia do exílio, a saudade da pátria, impregnaram indelevelmente o seu espírito e comunicaram-se à sua obra, e dali influenciaram de maneira marcante as gerações seguintes de escritores portugueses. Os seus melhores poemas brilham exatamente pelo que há de genuíno no sofrimento expresso e na honestidade dessa expressão, e este é um dos motivos principais que colocam a sua poesia em um patamar tão alto.

As suas fontes foram inúmeras. Dominava o latim e o espanhol, e demonstrou possuir um sólido conhecimento da mitologia greco-romana, da história antiga e moderna da Europa, dos cronistas portugueses e da literatura clássica, destacando-se autores como Ovídio, Xenofonte, Lucano, Valério Flaco, Horácio, mas especialmente Homero e Virgílio, de quem tomou vários elementos estruturais e estilísticos de empréstimo e às vezes até trechos em transcrição quase literal. De acordo com as citações que fez, também parece ter tido um bom conhecimento de obras de Ptolomeu, Diógenes Laércio, Plínio, o Velho, Estrabão e Pompônio, entre outros historiadores e cientistas antigos. Entre os modernos, estava a par da produção italiana de Francesco Petrarca, Ludovico Ariosto, Torquato Tasso, Giovanni Boccaccio e Jacopo Sannazaro, e da literatura castelhana.

Para aqueles que consideram o Renascimento um período histórico homogêneo, informado pelos ideais clássicos e que se estende até o fim do

século XVI, Camões é pura e simplesmente um renascentista, mas de modo geral reconhece-se que o século XVI foi amplamente dominado por uma derivação estilística chamada Maneirismo, que em vários pontos é uma escola anticlássica e de várias formas prefigura o Barroco. Assim, para vários autores, é mais adequado descrever o estilo camoniano como maneirista, distinguindo-o do classicismo renascentista típico. Isso se justifica pela presença de vários recursos de linguagem e de uma abordagem dos seus temas que não estão concordes às doutrinas de equilíbrio, economia, tranquilidade, harmonia, unidade e invariável idealismo que são os eixos fundamentais do classicismo renascentista. Camões, depois de uma fase inicial tipicamente clássica, transitou por outros caminhos e a inquietude e o drama se tornaram seus companheiros. Por todo *Os Lusíadas* são visíveis os sinais de uma crise política e espiritual, permanece no ar a perspectiva do declínio do império e do caráter dos portugueses, censurados por maus costumes e pela falta de apreço pelas artes, alternando-se a trechos em que faz a sua apologia entusiasmada. Também são típicos do Maneirismo, e se tornariam ainda mais do Barroco, o gosto pelo contraste, pelo arroubo emocional, pelo conflito, pelo paradoxo, pela propaganda religiosa, pelo uso de figuras de linguagem complexas e preciosismos, até pelo grotesco e pelo monstruoso, muitos deles traços comuns na obra camoniana.

O caráter maneirista da sua obra é assinalado também pelas ambiguidades geradas pela ruptura com o passado e pela concomitante adesão a ele, manifesta a primeira na visualização de uma nova era e no emprego de novas fórmulas poéticas oriundas de Itália, e a segunda, no uso de arcaísmos típicos da Idade Média. Ao lado do uso de modelos formais renascentistas e classicistas, cultivou os gêneros medievais do vilancete, da cantiga e da trova. Para Joaquim dos Santos, o caráter contraditório da sua poesia encontra-se no contraste entre duas premissas opostas: o idealismo e a experiência prática. Conjugou valores típicos do racionalismo humanista com outros derivados da cavalaria, das cruzadas e do feudalismo, alinou a constante propaganda da fé católica com a mitologia antiga, responsável no plano estético por toda a ação que materializa a realização final, descartando a *aurea mediocritas* cara aos clássicos para advogar a primazia do exercício das armas e da conquista gloriosa.

CANÇÕES E ELEGIAS

CANÇÕES

I

Formosa e gentil Dama, quando vejo
a testa de ouro e neve, o lindo aspeito,
a boca graciosa, o riso honesto,
o colo de cristal, o branco peito,
de meu não quero mais que meu desejo,
nem mais de vós que ver tão lindo gesto.

Ali me manifesto
por vosso a Deus e ao mundo; ali me inflamo
nas lágrimas que choro,
e de mim, que vos amo,
em ver que soube amar-vos, me namoro;
e fico por mim só perdido, de arte
que hei ciúmes de mim por vossa parte.

Se porventura vivo descontente
por fraqueza d'espírito, padecendo
a doce pena que entender não sei,
fujo de mim e acolho-me, correndo,
à vossa vista; e fico tão contente
que zombo dos tormentos que passei.

De quem me queixarei
se vós me dais a vida deste jeito
nos males que padeço,
senão de meu sujeito,
que não cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isso de mim cuidar não posso,
de estar muito soberbo com ser vosso.

Se, por algum acerto, Amor vos erra
por parte do desejo, cometendo
algum nefando e torpe desatino,
se ainda mais que ver, enfim, pretendo,
fraquezas são do corpo, que é de terra,
mas não do pensamento, que é divino.

Se tão alto imagino que de vista
me perco (peco nisto),
desculpa-me o que vejo;

que se, enfim, resisto
contra tão atrevido e vão desejo,
faço-me forte em vossa vista pura,
e armo-me de vossa formosura.

Das delicadas sobranceiras pretas
os arcos com que fere, Amor tomou,
e fez a linda corda dos cabelos;
e porque de vós tudo lhe quadrou,
dos raios desses olhos fez as setas
com que fere quem alça os seus, a vê-los.

Olhos que são tão belos
dão armas de vantagem ao Amor,
com que as almas destrói;
porém, se é grande a dor,
co a alteza do mal a restitui;
e as armas com que mata são de sorte
que ainda lhe ficais devendo a morte.

Lágrimas e suspiros, pensamentos,
quem deles se queixar, formosa Dama,
mimoso está do mal que por vós sente.
Que maior bem deseja quem vos ama
que estar desabafando seus tormentos,
chorando, imaginando docemente?

Quem vive descontente,
não há de dar alívio a seu desgosto,
porque se lhe agradeça;
mas com alegre rosto
sofra seus males, para que os mereça;
que quem do mal se queixa, que padece,
fá-lo porque esta glória não conhece.

De modo que, se cai o pensamento
em alguma fraqueza, de contente,
é porque este segredo não conheço;
assim que com razões, não tão somente
desculpo ao Amor do meu tormento,
mas ainda a culpa sua lhe agradeço.

Por esta fé mereço
a graça, que esses olhos acompanha,
o bem do doce riso;
mas, porém, não se ganha
cum paraíso outro paraíso.

E assim, de enleada, a esperança
se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remédio,
sabe, Canção, que porque não vejo,
engano com palavras o desejo.

II

A instabilidade da Fortuna,
os enganos suaves de Amor cego,
(suaves, se duraram longamente),
darei, por dar à vida algum sossego;
que, pois a grave pena me importuna,
importune meu canto a toda a gente.
E se o passado bem co mal presente
me endurece a voz no peito frio,
o grande desvario
dará de minha pena sinal certo,
que um erro em tantos erros é concerto.
E, pois nesta verdade me confio
(se verdade se achar no mal que digo),
saiba o mundo de Amor o desconcerto,
que já co a Razão se fez amigo,
só por não deixar culpa sem castigo.

Já Amor fez leis, sem ter comigo alguma;
já se tornou, de cego, arrazoado,
só por usar comigo sem-razões.
E, se em alguma cousa o tenho errado,
com siso, grande dor não vi nenhuma,
nem ele deu sem erros afeições.
Mas, por usar de suas isenções,
buscou fingidas causas por matar-me;
que, para derrubar-me
no abismo infernal de meu tormento,
não foi soberbo nunca o pensamento,
nem pretende mais alto alevantar-me
daquilo que ele quis; e se ele ordena
que eu pague seu ousado atrevimento,
saiba que o mesmo Amor que me condena
me fez cair na culpa e mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquele dia
que desceram ao baixo pensamento,
n'alma os aposentei suavemente;
e pretendendo mais, como avarento,
o coração lhe dei por iguaria,
que a meu mandado tinha obediente.
Porém como ante si lhe foi presente
que entenderam o fim de meu desejo,
ou por outro despejo, que a língua
descobriu por desvario,
de sede morto estou posto num rio,
onde de meu serviço o fruto vejo;
mas logo se alça se a colhê-lo venho,
e foge-me a água, se beber porfio;
assim que em fome e sede me mantenho:
não tem Tântalo a pena que eu sustenho.

Depois que aquela em quem minh'alma vive
quis alcançar o baixo atrevimento,
debaixo deste engano a alcancei:
a nuvem do contino pensamento
ma afigurou nos braços, e assim a tive,
sonhando o que acordado desejei.
Porque a meu desejo me gabei
de alcançar um bem de tanto preço,
além do que padeço,
atado em uma roda estou penando,
que em mil mudanças me anda rodeando
onde, se a algum bem subo, logo desço,
e assim ganho e perco a confiança;
e assim me tem atado uma vingança,
como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suave e inumana
meu humano desejo, de atrevido,
cometeu, sem saber o que fazia
([que de sua beleza foi nascido])
o cego Moço, que, co a seta insana,
o pecado vingou desta ousadia),
e afora este mal que eu merecia,
me deu outra maneira de tormento:
que nunca o pensamento,
que sempre voa duma a outra parte,
destas entranhas tristes bem se farte,

imaginando sobre o famulento,
quanto mais come, mais está crescendo,
porque de atormentar-me não se aparte;
assim que para a pena estou vivendo,
sou outro novo Tício, e não me entendo.

De vontades alheias, que roubava,
e que enganosamente recolhia
em meu fingido peito, me mantinha.
De maneira o engano lhe fingia,
que depois que a meu mando as subjugava,
com amor as matava, que eu não tinha.
Porém, logo o castigo que convinha
o vingativo Amor me fez sentir,
fazendo-me subir
ao monte da aspereza que em vós vejo,
co pesado penedo do desejo,
que do cume do bem me vai cair;
torno a subi-lo ao desejado assento,
torna a cair-me; embalde, enfim, pelejo.
Não te espantes, Sísifo, deste alento,
que as costas o subi do sofrimento.

Destarte o sumo bem se me oferece
ao faminto desejo, porque sinta
a perda de perdê-lo mais penosa.
Como o avaro a quem o sonho pinta
achar tesouro grande, onde enriquece
e farta sua sede cobiçosa.
e acordando com fúria pressurosa
vai cavar o lugar onde sonhava,
mas tudo o que buscava
lhe converte em carvão a desventura;
ali sua cobiça mais se apura,
por lhe faltar aquilo que esperava:
destarte Amor me faz perder o siso.
Porque aqueles que estão na noite escura,
nunca sentirão tanto o triste abismo,
se ignorarem o bem do Paraíso.

Canção, no mais, que já não sei que digo;
mas porque a dor me seja menos forte,
diga o pregão a causa desta morte.

III

Já a roxa manhã clara
do Oriente as portas vem abrindo,
dos montes descobrindo
a negra escuridão da luz avara.
O Sol, que nunca pára,
de sua alegre vista saudoso,
trás ela, pressuroso,
nos cavalos cansados do trabalho,
que respiram nas ervas fresco orvalho,
se estende, claro, alegre e luminoso.
Os pássaros, voando
de raminho em raminho modulando,
com uma suave e doce melodia
o claro dia estão manifestando.

A manhã bela e amena,
seu rosto descobrindo, a espessura
se cobre de verdura,
branda, suave, angélica, serena.
Ó deleitosa pena,
ó efeito de Amor tão preeminente
que permite e consente
que onde quer que me ache, e onde esteja,
o seráfico gesto sempre veja,
por quem de viver triste sou contente!
Mas tu, Aurora pura,
de tanto bem dá graças à ventura,
pois as foi pôr em ti tão diferentes,
que representes tanta formosura.

A luz suave e leda
a meus olhos me mostra por quem mouro,
e os cabelos de ouro
não igual' aos que vi, mas arremeda:
esta é a luz que arreda
a negra escuridão do sentimento
ao doce pensamento;
o orvalho das flores delicadas
são nos meus olhos lágrimas cansadas,
que eu choro co prazer de meu tormento;

os pássaros que cantam
os meus espíritos são, que a voz levantam,
manifestando o gesto peregrino
com tão divino som que o mundo espantam.

Assim como acontece
a quem a cara vida está perdendo,
que, enquanto vai morrendo,
alguma visão santa lhe aparece;
a mim, em quem falece
a vida, que sois vós, minha Senhora, a
esta alma que em vós mora
(enquanto da prisão se está apartando)
vos estais juntamente apresentando
em forma da formosa e roxa Aurora.

Ó ditosa partida!
Ó glória soberana, alta e subida!
Se mo não impedir o meu desejo;
porque o que vejo, enfim, me torna a vida.

Porém a Natureza,
que nesta vista pura se mantinha,
me falta tão asinha,
quão asinha o sol falta à redondeza.
Se houverdes que é fraqueza
morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
ou vós, onde ele vive tão isento,
que causastes tão longo apartamento,
porque perdesse a vida co cuidado.
Que se viver não posso
(um homem sou só, de carne e osso),
esta vida que perco, Amor ma deu;
que não sou meu: se mouro, o dano é vosso.

Canção de cisne, feita n' hora extrema:
na dura pedra fria
da memória te deixo, em companhia
do letreiro de minha sepultura;
que a sombra escura já me impede o dia.

Vão as serenas águas
do Mondego descendo
mansamente, que até o mar não param;
por onde minhas mágoas
pouco a pouco crescendo,
para nunca acabar se começaram.
Ali se juntaram neste lugar ameno,
aonde agora mouro, testa de nove e ouro,
riso brando, suave, olhar sereno,
um gesto delicado,
que sempre n'alma m'estará pintado.

Nesta florida terra,
leda, fresca e serena,
ledo e contente para mim vivia,
em paz com minha guerra,
contente com a pena
que de tão belos olhos procedia.
Um dia noutro dia
o esperar m'enganava;
longo tempo passei,
co a vida folguei, só
porque em bem tamanho me empregava.
Mas que me presta já,
que tão formosos olhos não os há?

Ó quem me ali dissera
que de amor tão profundo
o fim pudesse ver ind'alguma hora!
Ó quem cuidar pudera
que houvesse aí no mundo
apartar-m'eu de vós, minha Senhora,
para que desde agora
perdesse a esperança,
e o vão pensamento,
desfeito em um momento,
sem me poder ficar mais que a lembrança,
que sempre estará firme
até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria
que daqui levar posso,
com a qual defender-me triste espero,
é que nunca sentia

no tempo que fui vosso
quererdes-me vós quanto vos eu quero;
porque o tormento fero
de vosso apartamento
não vos dará tal pena
como a que me condena:
que mais sentirei vosso sentimento,
que o que minh'alma sente.
Moura eu, Senhora, e vós ficai contente!

Canção, tu estarás
aqui acompanhando
estes campos e estas claras águas,
e por mim ficarás chorando
e suspirando,
e ao mundo mostrando tantas mágoas,
que de tão larga história
minhas lágrimas fiquem por memória.

V

Se este meu pensamento,
como é doce e suave,
de alma pudesse vir gritando fora,
mostrando seu tormento
cruel, e grave,
diante de vós só, minha Senhora:
pudera ser que agora
o vosso peito duro
tornara manso e brando.
E eu que sempre ando
pássaro solitário, humilde, escuro,
tornado um cisne puro,
brando e sonoro pelo ar voando,
com canto manifesto
pintara meu tormento e vosso gesto.

Pintara os olhos belos
que trazem nas meninas
o Menino que os seus neles cegou;
e os dourados cabelos
em tranças d'ouro finas
a quem o Sol seus raios abaixou;

a testa que ordenou
atura tão formosa;
o bem proporcionado
nariz, lindo, afilado,
que a cada parte tem a fresca rosa;
a boca graciosa,
que querê-la louvar é escusado;
enfim, é um tesouro:
os dentes, perlas; as palavras, ouro.

Vira-se claramente,
ó Dama delicada,
que em vós se esmerou mais a Natureza;
e eu, de gente em gente,
trouxera trasladada
em meu tormento vossa gentileza.
Somente a aspereza
de vossa condição,
Senhora, não dissera,
porque se não soubera
que em vós podia haver algum senão.
E se alguém, com razão,
—Porque morres? dissera, respondera:
—Mouro porque é tão bela
que inda não sou para morrer por ela.

E se porventura,
Dama, vos ofendesse,
escrevendo de vós o que não sento,
e vossa formosura
tão baixo não descesse
que a alcançasse um baixo entendimento,
seria o fundamento
daquilo que cantasse todo de puro amor,
porque vosso louvor
em figura de mágoas se mostrasse.
E onde se julgasse a causa pelo efeito,
minha dor diria ali sem medo:
quem me sentir, verá de quem procedo.

Então amostraria
os olhos saudosos,
o suspirar que a alma traz consigo;
a fingida alegria,

os passos vagarosos,
o falar, o esquecer-me do que digo;
um pelejar comigo,
e logo desculpar-me;
um reccar, ousando;
andar meu bem buscando,
e de poder achá-lo acovardar-me;
enfim, averiguar-me
que o fim de tudo quanto estou falando
são lágrimas e amores;
são vossas isenções e minhas dores.

Mas quem terá, Senhora,
palavras com que iguale
com vossa formosura minha pena;
que, em doce voz, de fora
aquela glória fale
que dentro na minh'alma Amor ordena?
Não pode tão pequena
força de engenho humano
com carga tão pesada,
se não for ajudada
dum piedoso olhar, dum doce engano;
que, fazendo-me o dano
tão deleitoso, e a dor tão moderada,
que, enfim, se convertesse
nos gostos dos louvores que escrevesse.

Canção, não digas mais; e se teus versos
à pena vêm pequenos,
não queiram de ti mais, que dirás menos.

VI

Com força desusada
aqueita o fogo eterno
üa ilha lá nas partes do Oriente,
de estranhos habitada,
aonde o duro Inverno
os campos reverdece alegremente.

A lusitana gente
por armas sanguinosas,
tem dela senhorio.

Cercada está dum rio
de marítimas águas saudosas;
das ervas que aqui nascem,
os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura
quis que uma grã parte
da vida, que não tinha, se passasse,
para que a sepultura
nas mãos do fero Marte
de sangue e de lembranças matizasse.
Se Amor determinasse
que, a troco desta vida,
de mim qualquer memória
ficasse, como história
que de uns formosos olhos fosse lida,
a vida e alegria
por tão doce memória trocaria.

Mas este fingimento,
por minha dura sorte,
com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
que pode achar na morte
o que não pôde achar tão longa vida.
Está já tão perdida
a minha confiança
que, de desesperado
em ver meu triste estado,
também da morte perco a esperança.
Mas oh! que se algum dia
desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto
já 'gora não m'espanto,
que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa disto,
que eu nunca pude tanto
que causasse este fogo que me incende.
Se cuidam que me ofende
temor de esquecimento,
oxalá meu perigo
me fora tão amigo
que algum temor deixara ao pensamento!

Quem viu tamanho enleio
que houvesse ai esperança sem receio?

Quem tem que perder possa
se pode recear.
Mas triste quem não pode já perder!
Senhora, a culpa é vossa,
que para me matar
basta u' hora só de vos não ver.
Puseste-me em poder
de falsas esperanças;
e, do que mais me espanto:
que nunca vali tanto
que vivesse também com esquivanças.
Valia tão pequena
não pode merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo
tão brando e pouco irado,
quanto agora em meus males se conhece;
que não há mor castigo
para quem tem errado
que negar-lhe o castigo que merece.
E bem como acontece
que assim como ao doente
da cura despedido,
o médico sabido
tudo quanto deseja lhe consente,
assim me consentia
esperança, desejo e ousadia.

E agora venho a dar
conta do bem passado
a esta triste vida e longa ausência.
Quem pode imaginar
que pode haver pecado
que mereça tão grave penitência?
Olhai que é consciência,
por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena!
Não vedes que é onzena?
Mas se tão longo e mísero desterro
vos dá contentamento,
nunca se acabe nele meu tormento.

Rio formoso e claro,
e vós, ó arvoredos,
que os justos vencedores coroaís,
e ao cultor avaro,
continuamente ledos,
dum tronco só diversos frutos dais;
assim nunca sintais
do tempo injúria alguma,
que em vós achem abrigo
as mágoas que aqui digo,
enquanto der o Sol virtude à Lua;
porque de gente em gente
saibam que já não mata a vida ausente.

Canção, neste desterro viverás,
Voz nua e descoberta,
até que o tempo em Eco te converta.

VII

Manda-me Amor que cante docemente
o que ele já em minh'alma tem impresso
com pressuposto de desabafar-me;
e porque com meu mal seja contente,
diz que ser de tão lindos olhos preso,
contá-lo bastaria a contentar-me.
Este excelente modo de enganar-me
tomara eu só de Amor por interesse,
se não se arrependesse
co a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
em virtude do gesto de qu'escrevo;
e se é mais o que canto que o qu'entendo,
invoco o lindo aspeito,
que pode mais que Amor em meu defeito.

Sem conhecer Amor viver soía,
seu arco e seus enganos desprezando,
quando vivendo deles me mantinha.
O Amor enganoso, que fingia
mil vontades alheias enganando,
me fazia zombar de quem o tinha.

No Touro entrava Febo, e Progne vinha;
o corno de Aquelôo Flora entornava,
quando o Amor soltava
os fios d'ouro, as tranças enerespadas,
ao doce vento esquivas,
dos olhos rutilando chamas
vivas, e as rosas entre a nove semeadas,
co riso tão galante
que um peito desfizera de diamante.

Um não sei quê, suave, respirando,
causava um admirado e novo espanto,
que as cousas insensíveis o sentiam.
E as gárrulas aves levantando
vozes desordenadas em seu canto,
como em meu desejo se entendiam.
As fontes cristalinas não corriam,
inflamadas na linda vista pura;
florescia a verdura que, andando,
cos divinos pés tocava;
os ramos se abaixavam,
tendo inveja das ervas que pisavam
(ou porque tudo ante ela se abaixava).
Não houve coisa, enfim,
que não pasmasse dela, e eu de mim.

Porque quando vi dar entendimento
às cousas que o não tinham, o temor
me fez cuidar que efeito em mim faria.
Conheci-me não ter conhecimento;
e nisto só o tive, porque Amor
mo deixou, porque visse o que podia.
Tanta vingança Amor de mim queria
que mudava a humana natureza:
os montes e a dureza
deles, em mim, por troca, traspassava.
O que gentil partido!
Trocar o ser do monte sem sentido,
pelo que num juízo humano estava!
Olhai que doce engano:
tirar comum proveito de meu dano!

Assim que, indo perdendo o sentimento
a parte racional, me entristecia

vê-la a um apetite sometida;
mas dentro n'alma o fim do pensamento
por tão sublime causa me dizia
que era razão ser vencida.
Assim que, quando a via ser perdida,
a mesma perdição a restaurava;
e em mansa paz estava
cada um com seu contrário num sujeito.
Ó grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
a causa donde vem tamanho efeito
que faz num coração
que venha o apetite a ser razão?

Aqui senti de Amor a mor fineza,
como foi ver sentir o insensível,
e o ver a mim de mim mesmo perder-me;
enfim, senti negar-se a natureza;
por onde cri que tudo era possível
aos lindos olhos seus, senão querer-me.
Depois que já senti desfalecer-me,
em lugar do sentido que perdia,
não sei que m'escrevia
dentro n'alma co as letras da memória,
o mais deste processo
co claro gesto juntamente impresso
que foi a causa de tão longa história.
Se bem a declarei,
eu não a escrevo, d'alma a trasladei.

Canção, se quem te ler
não crer dos olhos lindos o que dizes,
pelo que em si se esconde,
os sentidos humanos, lhe responde,
não podem dos divinos ser juízes,
[sendo um pensamento
que a falta supra a fé do entendimento].

VIII

Tomei a triste pena
já de desesperado
de vos lembrar as muitas que padeço,

com ver que me condena
a ficar eu culpado
o mal que me tratais e o que mereço.
Confesso que conheço
que, em parte, a causa dei
[a] o mal em que me vejo,
pois sempre meu desejo
a tão largas promessas entreguei;
mas não tive suspeita
que seguísseis tenção tão imperfeita.

Se em vosso esquecimento
tão envolto estou
como os sinais demonstram, que mostrais;
vivo neste tormento,
lembranças mais não dou
que as de razão tomar queirais:
olhai que me tratais
assim de dia em dia
com vossas esquivanças;
e as vossas esperanças,
de que, vãmente, eu me enriquecia,
renovam a memória;
pois com tê-la de vós, só tenho glória.

E se isto conhecêsseis
ser verdade pura
como ouro de Arábia reluzente,
inda que não quisésseis,
a condição tão dura
mudáreis noutra muito diferente.
E eu, como inocente
que estou neste caso,
isto em mãos pusera
de quem sentença dera
que ficasse o direito justo e raso,
se não arreceara
que a vós por mim, e a mim por vós matara.

Em vós escrita vi
vossa grande dureza,
e n'alma escrita está que de vós vive;
não que acabasse ali
sua grande firmeza

o triste desengano que então tive;
porque antes que a dor prive
de todos meus sentidos,
ao grande tormento
acode o entendimento
com dous fortes soldados, guarnecidos
de rica pedraria,
que ficam sendo minha luz e guia.

Destes acompanhado,
estou posto sem medo
a tudo o que o fatal destino ordene;
pode ser que, cansado,
ou seja tarde, ou cedo,
com pena de penar-me, me despene.
E quando me condene
(que isto é o que espero)
inda a maiores dores,
perdidos os temores,
por mais que venha, não direi: não quero.
Contudo estou tão forte
que nem me mudará a mesma morte.

Canção, se já não queres
ver tanta crueldade,
lá vás onde verás minha verdade.

IX

Junto de um seco, fero e estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido;
onde nem ave voa, ou fera dorme,
nem rio claro corre, ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;
cujo nome, do vulgo introduzido
é felix, por antífrase, infelice;
o qual a Natureza
situou junto à parte
onde um braço de mar alto reparte
Abássia, da arábica aspereza,
onde fundada já foi Berenice,
ficando a parte donde

o sol que nele ferve se lhe esconde;

nele aparece o Cabo com que a costa
africana, que vem do Austro correndo,
limite faz, Arômata chamado
(Arômata outro tempo, que, volvendo
os céus, a rude língua mal composta,
dos próprios outro nome lhe tem dado).

Aqui, no mar, que quer apressurado
entrar pela garganta deste braço,
me trouxe um tempo e teve
minha fera ventura.

Aqui, nesta remota, áspera e dura
parte do mundo, quis que a vida breve
também de si deixasse um breve espaço,
porque ficasse a vida
pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
tristes, forçados, maus e solitários,
trabalhosos, de dor e d'ira cheios,
não tendo tão somente por contrários
a vida, o sol ardente e águas frias,
os ares grossos, férvidos e feios,
mas os meus pensamentos, que são meios
para enganar a própria natureza,
também vi contra mi
trazendo-me à memória
alguma já passada e breve glória,
que eu já no mundo vi, quando vivi,
por me dobrar dos males a aspereza,
por me mostrar que havia
no mundo muitas horas de alegria.

Aqui estiv'eu co estes pensamentos
gastando o tempo e a vida; os quais tão alto
me subiam nas asas, que cala
(e vede se seria leve o salto!)
de sonhados e vãos contentamentos
em desesperação de ver um dia.

Aqui o imaginar se convertia
num súbito chorar, e nuns suspiros
que rompiam os ares.

Aqui, a alma cativa,

chagada toda, estava em carne viva,
de dores rodeada e de pesares,
desamparada e descoberta aos tiros
da soberba Fortuna;
soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
nem esperança alguma onde a cabeça
um pouco reclinasse, por descanso.
Todo lhe é dor e causa que padeça,
mas que pereça não, porque passasse
o que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos da voz importunados,
parece que se enfreiam!
Somente o Céu severo,
as Estrelas e o Fado sempre fero,
com meu perpétuo dano se recreiam,
mostrando-se potentes e indignados
contra um corpo terreno,
bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
saber inda por certo que algu'hora
lembrava a uns claros olhos que já vi;
e se esta triste voz, rompendo fora,
as orelhas angélicas tocasse
daquela em cujo riso já vivi;
a qual, tornada um pouco sobre si,
revolvendo na mente pressurosa
os tempos já passados
de meus doces erros,
de meus suaves males e furores,
por ela padecidos e buscados,
tornada (inda que tarde) piedosa,
um pouco lhe pesasse
e consigo por dura se julgasse;

isto só que soubesse, me seria
descanso para a vida que me fica;
co isto afagaria o sofrimento.
Ah! Senhora, Senhora, que tão rica
estais, que cá tão longe, de alegria,
me sustentais cum doce fingimento!

Em vos afigurando o pensamento,
foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
me acho seguro e forte
contra o rosto feroz da fera Morte,
e logo se me ajuntam esperanças
com que a frente, tornada mais serena,
torna os tormentos graves
em saudades brandas e suaves.

Aqui co elas fico, perguntando
aos ventos amorosos, que respiram
da parte donde estais, por vós, Senhora;
às aves que ali voam, se vos viram,
que fazíeis, que estáveis praticando,
onde, como, com quem, que dia e que hora.
Ali a vida cansada, que melhora,
toma novos espíritos , com que vença
a Fortuna e Trabalho,
só por tornar a ver-vos ,
só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo, que a tudo dará talho;
mas o Desejo ardente, que detença
nunca sofreu, sem tento
m'abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assim vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
podes-lhe responder que porque mouro.

X

Vinde cá, meu tão certo secretário
dos queixumes que sempre ando fazendo,
papel, com que a pena desafogo!
As sem-razões digamos que, vivendo,
me faz o inexorável e contrário
Destino, surdo a lágrimas e a rogo.
Deitemos água pouca em muito fogo;
acenda-se com gritos um tormento
que a todas as memórias seja estranho.
Digamos mal tamanho
a Deus, ao mundo, à gente e, enfim, ao vento,

a quem já muitas vezes o contei,
tanto de balde como o conto agora;
mas, já que para erros fui nascido,
vir este a ser um deles não duvido.
Que, pois já de acertar estou tão fora,
não me culpem também, se nisto errei.
Sequer este refúgio só terei:
falar e errar sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!

Já me desenganei que de queixar-me
não se alcança remédio; mas, quem pena,
forçado lhe é gritar, se a dor é grande.
Gritarei; mas é débil e pequena
a voz para poder desabafar-me,
porque nem com gritar a dor se abrande.
Quem me dará sequer que fora mande
lágrimas e suspiros infinitos
iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algu'hora
medir o mal com lágrimas ou gritos?
Enfim, direi aquilo que me ensinam
a ira, a mágoa, e delas a lembrança,
que é outra dor por si, mais dura e firme.
Chegai, desesperados, para ouvir-me,
e fujam os que vivem de esperança
ou aqueles que nela se imaginam,
porque Amor e Fortuna determinam
de lhe darem poder para entenderem,
à medida dos males que tiverem.

{Quando vim da materna sepultura
de novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelices obrigado;
com ter livre alvedrio, mo não deram,
que eu conheci mil vezes na ventura
o melhor, e pior segui, forçado.
E, para que o tormento conformado
me dessem com a idade, quando abrisse
inda menino, os olhos, brandamente,
mandam que, diligente,
um Menino sem olhos me ferisse.
As lágrimas da infância já manavam
com uma saudade namorada;

o som dos gritos, que no berço dava,
já como de suspiros me soava.
Co a idade e Fado estava concertado;
porque quando, por caso, me embalavam,
se versos de Amor tristes me cantavam,
logo m'adormecia a natureza,
que tão conforme estava co a tristeza}

Foi minha ama uma fera, que o destino
não quis que mulher fosse a que tivesse
tal nome para mim; nem a haveria.
Assim criado fui, porque bebesse
o veneno amoroso, de menino,
que na maior idade beberia,
e, por costume, não me mataria.
Logo então vi a imagem e semelhança
daquela humana fera tão formosa,
suave e venenosa,
que me criou aos peitos da esperança;
de que eu vi depois o original,
que de todos os grandes desatinos
faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha forma humana,
mas cintilava espíritos divinos.
Um meneio e presença tinha tal
que se vangloriava todo o mal
na vista dela; a sombra, co a viveza,
excedia o poder da Natureza.

Que gênero tão novo de tormento
teve Amor, que não fosse, não somente
provado em mim, mas todo executado?
Implacáveis durezas, que o fervente
desejo, que dá força ao pensamento,
tinham de seu propósito abalado,
e de se ver, corrido e injuriado;
aqui, sombras fantásticas, trazidas
de algumas temerárias esperanças;
as bem-aventuranças
nelas também pintadas e fingidas;
mas a dor do desprezo recebido,
que a fantasia me desatinava,
estes enganos punha em desconcerto;
aqui, o adivinhar e o ter por certo

que era verdade quanto adivinhava,
e logo o desdizer-me, de corrido;
dar às cousas que via outro sentido,
e para tudo, enfim, buscar razões;
mas eram muitas mais as sem-razões.

Não sei como sabia estar roubando
cos raios as entranhas, que fugiam
por ela, pelos olhos sutilmente!
Pouco a pouco invencíveis me saiam,
bem como do véu úmido exalando
está o sutil humor o Sol ardente.
Enfim, o gesto puro e transparente,
para quem fica baixo e sem valia
este nome de belo e de formoso;
o doce e piedoso
mover de olhos, que as almas suspendia
foram as ervas mágicas, que o Céu
me fez beber; as quais, por longos anos,
noutro ser me tiveram transformado,
e tão contente de me ver trocado
que as mágoas enganava cos enganos;
e diante dos olhos punha o véu
que me encobrisse o mal, que assim cresceu,
como quem com afagos se criava
daquele para quem crescido estava].

Pois quem pode pintar a vida ausente,
com um descontentar-me quanto via,
e aquele estar tão longe donde estava,
o falar, sem saber o que dizia,
andar, sem ver por onde, e juntamente
suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquele mal me atormentava
e aquela dor que das tártaras águas
saiu ao mundo, e mais que todas dói,
que tantas vezes sói
duas iras tornar em brandas mágoas;
agora, co furor da mágoa irado,
querer e não querer deixar de amar,
e mudar noutra parte por vingança
o desejo privado de esperança,
que tão mal se podia já mudar;
agora, a saudade do passado

tormento, puro, doce e magoado,
fazia converter estes furores
em magoadas lágrimas de amores.

Que desculpas comigo que buscava
quando o suave Amor me não sofria
culpa na cousa amada, e tão amada!
enfim, eram remédios que fingia
o medo do tormento que ensinava
a vida a sustentar-se, de enganada.

Nisto uma parte dela foi passada,
na qual se tive algum contentamento
breve, imperfeito, tímido, indecente,
não foi senão semente
de longo e amaríssimo tormento.

Este curso contínuo de tristeza,
estes passos tão vãmente espalhados,
me foram apagando o ardente gosto,
que tão de siso n'alma tinha posto,
daqueles pensamentos namorados
em que eu criei a tenta natureza,
que do longo costume da aspereza,
contra quem força humana não resiste,
se converteu no gosto de ser triste.

Destarte a vida noutra fui trocando;
eu não, mas o destino fero, irado,
que eu ainda assim por outra não trocara.

Fez-me deixar o pátrio ninho amado,
passando o longo mar, que ameaçando
tantas vezes me esteve a vida cara.

Agora, experimentando a fúria rara
de Marte, que cos olhos quis que logo
visse e tocasse o acerbo fruto seu

(e neste escudo meu
a pintura verão do infesto fogo);
agora, peregrino vago e errante,
vendo nações, linguagens e costumes,
Céus vários, qualidades diferentes,
só por seguir com passos diligentes
a ti, Fortuna injusta, que consumes
as idades, levando-lhe diante
uma esperança em vista de diamante,
mas quando das mãos cai se conhece

que é frágil vidro aquilo que aparece.

A piedade humana me faltava,
a gente amiga já contrária via,
no primeiro perigo; e no segundo,
terra em que pôr os pés me falecia,
ar para respirar se me negava,
e faltavam-me, enfim, o tempo e o mundo.

Que segredo tão árduo e tão profundo:
nascer para viver, e para a vida
faltar-me quanto o mundo tem para ela!

E não poder perdê-la,
estando tantas vezes já perdida!
Enfim, não houve transe de fortuna,
nem perigos, nem casos duvidosos,
injustiças daqueles, que o confuso
regimento do mundo, antigo abuso,
faz sobre os outros homens poderosos,
que eu não passasse, atado à grã coluna
do sofrimento meu, que a importuna
perseguição de males em pedaços
mil vezes fez, à força de seus braços.

Não conto tantos males como aquele
que, depois da tormenta procelosa,
os casos dela conta em porto ledo;
que ainda agora a Fortuna flutuosa
a tamanhas misérias me compele,
que de dar um só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não me arredo,
nem bem que me faleça já pretendo,
que para mim não val astúcia humana;
de força soberana,
la Providência, enfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo, às vezes tomo
para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana, quando lança
os olhos no que corre, e não alcança
senão memória dos passados anos,
as águas que então bebo, e o pão que como,
lágrimas tristes são, que eu nunca domo
senão com fabricar na fantasia
fantásticas pinturas de alegria.

Que se possível fosse, que tornasse
o tempo para trás, como a memória,
pelos vestígios da primeira idade,
e de novo tecendo a antiga história
de meus doces erros, me levasse
pelas flores que vi da mocidade;
e a lembrança da longa saudade
então fosse maior contentamento,
vendo a conversação leda e suave,
onde uma e outra chave esteve
de meu novo pensamento,
os campos, as passadas, os sinais,
a formosura, os olhos, a brandura,
a graça, a mansidão, a cortesia,
a sincera amizade, que desvia
toda a baixa tenção, terrena, impura,
como a qual outra alguma não vi mais...
Ah! vês memórias, onde me levais
o fraco coração, que ainda não posso
domar este tão vão desejo vosso?

No mais, Canção, no mais; que irei falando,
sem o sentir, mil anos. E se acaso
te culparem de larga e de pesada,
não pode ser (lhe dize) limitada
a água do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
co gosto do louvor, mas explicando
puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

XI

O Poeta Simônides, falando
co capitão Temístocles, um dia,
em cousas de ciência praticando,
uma arte singular lhe prometia,
que então compunha, com que lhe ensinasse
a se lembrar de tudo o que fazia;
onde tão sutis regras lhe mostrasse
que nunca lhe passasse da memória
em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e glória

quem dava regra contra o esquecimento
que enterra em si qualquer antiga história.

Mas o capitão claro, cujo intento
bem diferente estava, porque havia
as passadas lembranças por tormento;
ilustre Simônides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias
que mostras à memória nova via,
e me desses uma arte que em meus dias
me não lembrasse nada do passado,
oh! quanto melhor obra me farias!
Se este excelente dito ponderado
fosse por quem se visse estar ausente,
em longas esperanças degradado,
ah! como bradaria justamente:
Simônides, inventa novas artes;
não meças o passado co presente!
Que, se é forçado andar por várias partes
buscando à vida algum descanso honesto,
que tu, Fortuna injusta, mal repartes;
se o duro trabalho é manifesto
que por grave que seja, há de passar-se
com animoso espírito e ledto gesto;
de que serve às pessoas lembrar-se
do que se passou já, pois tudo passa,
senão de entristecer-se e magoar-se?
Se noutra corpo uma alma se traspassa,
não, como quis Pitágoras, na morte
mas como manda Amor na vida escassa;
e se este Amor no mundo está de sorte
que na virtude só dum lindo objeto
tem um corpo sem alma, vivo e forte;
onde este objeto falta, que é defecto
tamanho para a vida, que já nela
me está chamando à pena a dura Alecto;
porque me não criara minha estrela
selvático no mundo, e habitante
na dura Cítia, ou na aspereza dela,
ou no Cáucaso horrendo? Fraco infante,
criado ao peito d'alguma tigre hircana,
homem fora formado de diamante,
porque a cerviz ferina e inumana
não submetera ao jugo e dura lei
daquele que dá vida quando engana.

Ou, em pago das águas qu'estilei,
as que do mar passei foram de Lete,
para que me esquecera o que passei.
Que o bem que a esperança vã promete,
ou a morte o estorva, ou a mudança,
que é mal que uma alma em lágrimas derrete.
Já, Senhor, cairá como a lembrança,
no mal, do bem passado é triste e dura,
pois nasce aonde morre a esperança.
E se quiser saber como seapura
nua alma saudosa, não se enfade
de ler tão longa e mísera escritura.
Soltava Eolo a rédea e liberdade
ao manso Favônio brandamente,
e eu já tinha solta a saudade.
Netuno tinha posto o seu tridente;
a proa a branca escuma dividia,
co a gente marítima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
os ventos, namorada Galateia
consigo, sossegados, os movia.
Das argêntas conchinhas, Panopeia
andava pelo mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligeia.
Eu, trazendo lembranças por antolhos,
trazia os olhos na água sossegada,
e a água sem sossego nos meus olhos.
A bem-aventurança já passada
diante mim tinha tão presente
como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto imoto e descontente,
cum suspiro profundo, e mal ouvido,
por não mostrar meu mal a toda a gente,
dizia: Ó claras Ninfas! Se o sentido
em puro amor tivestes, e inda agora
da memória o não tendes esquecido;
se, porventura, fordes alguma hora
aonde entra o grão Tejo a dar tributo
a Tétis, que vós tendes por Senhora;
ou por verdes o prado verde enxuto,
ou por colherdes ouro rutilante,
das tágicas areias rico fruto;
nelas em verso heróico e elegante,
escrevei cúa concha o que em mim vistes:

pode ser que algum peito se quebrante.
E contando de mim memórias tristes,
os pastores do Tejo, que me ouviam,
ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.

Elas, que já no gesto me entendiam,
nos meneios das ondas me mostravam
que em quanto lhe pedia consentiam.
Estas lembranças, que me acompanhavam
pela tranquilidade da bonança,
nem na tormenta grave me deixavam.
Porque, chegado ao Cabo da Esperança,
começo da saudade que renova,
lembrando a longa e áspera mudança;
debaixo estando já da Estrela nova,
que no novo Hemisfério resplandece,
dando do segundo ache certa prova;
eis a noite com nuvens escurece,
do ar subitamente foge o dia,
e o largo oceano se embravece.

A máquina do Mundo parecia
que em tormenta se vinha desfazendo,
em serras todo o mar se convertia.
Lutando Bóreas fero e Noto horrendo,
sonoras tempestades levantavam,
das naus as velas côncavas rompendo.

As cordas, ao ruído, associavam,
os marinheiros, já desesperados,
com gritos para o Céu o ar coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados
vibrava o fero e áspero Tonante,
tremendo os Pólos ambos, de assombrados!

Ali Amor mostrando-se possante
e que por nenhum modo não fugia,
mas quanto mais trabalho, mais constante;
vendo a morte diante, em mim dizia:

Se alguma hora, Senhora, vos lembrasse,
nada do que passei me lembraria.

Enfim, nunca houve cousa que mudasse
o firme Amor do intrínseco daquele
em cujo peito uma vez de siso entrasse.

uma cousa, Senhor, por certo assele;
que nunca Amor se afina, nem se apura,
enquanto está presente a causa dele.

Destarte me chegou minha ventura

a esta desejada e longa terra,
de todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
e dos próprios quão pouca; contra quem
foi logo necessário termos guerra.
Que uma ilha que o rei de Porcá tem,
que o rei da Pimenta lhe tomara,
fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.
Com uma armada grossa, que ajuntara
o vizo-rei de Goa, nos partimos
com toda a gente d'armas que se achara,
e com pouco trabalho destruimos
a gente no curvo arco exercitada;
com mortes, com incêndios, os punimos.
Era a ilha com águas alagada,
de modo que se andava em almadias;
enfim, outra Veneza trasladada.
Nela nos detivemos sós dous dias,
que foram para alguns os derradeiros,
que passaram de Estige as águas frias.
Que estes são os remédios verdadeiros
que para a vida estão aparelhados
aos que a querem ter por cavaleiros.
Oh, lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
como vivem no campo sossegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento,
dá-lhes a fonte clara a água pura,
mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vêm o mar irado, a noite escura,
por ir buscar a pedra do Oriente;
não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas árvores contente,
sem lhe quebrar o sono sossegado
o cuidado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
e da formosa cor assíria tinto,
e dos torçais atálicos lavrado;
se não tem as delicias de Corinto,
e se de Pário os mármorees lhe faltam,
o piropo, a esmeralda, e o jacinto;
se suas casas d'ouro não se esmaltam,
esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
onde os cabritos seus, comendo, saltam.

Ali amostra o campo várias cores,
vêm-se os ramos pender co fruto ameno,
ali se afina o canto dos pastores:
ali cantara Títiro e Sileno.
Enfim, por estas partes caminhou
a sã justiça para o Céu sereno.
Ditoso seja aquele que alcançou
poder viver na doce companhia
das mansas ovelhinhas que criou!
Este, bem facilmente alcançaria
as causas naturais de toda a cousa:
como se gera a chuva e neve fria;
os trabalhos do Sol, que não repousa;
e porque nos dá a Lua a luz alheia,
se tolher-nos de Febo os raios ousa;
e como tão depressa o Céu rodeia;
e como um só, os outros traz consigo;
e se é benina ou dura Citereia.
Bem mal pode entender isto que digo
quem há de andar seguindo o fero Marte,
que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
que, posto que a Fortuna possa tanto,
que tão longe de todo o bem me aparte,
não poderá apartar meu duro canto
desta obrigação sua, enquanto a morte
me não entrega ao duro Radamanto,
—se para tristes há tão leda sorte.

ELEGIAS

XII

*D. Antônio de Noronha,
estando o Autor na Índia*

Aquela que de amor descomedido
pelo formoso moço se perdeu
que só por si de amores foi perdido,
depois que a deusa em pedra a converteu
de seu humano gesto verdadeiro,
a última vez só lhe concedeu.
assim meu mal do próprio ser primeiro
outra cousa nenhuma me consente

que este canto que escrevo derradeiro.
E se alguma pouca vida, estando ausente,
me deixa Amor, é porque o pensamento
sinta a perda do bem de estar presente.
Senhor, se vos espanta o sentimento
que tenho em tanto mal, para escrevê-lo
furto este breve tempo a meu tormento.
Porque quem tem poder para sofrê-lo,
sem se acabar a vida co cuidado,
também terá poder para dizê-lo.
Nem eu escrevo mal tão costumado,
mas n'alma minha, triste e saudosa,
a saudade escreve, e eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,
espalhando a continua saudade
ao longo de uma praia saudoso.
Vejo do mar a instabilidade,
como com seu ruído impetuoso
retumba na maior concavidade.
E com sua branca espuma, furioso,
na terra, a seu pesar, lhe está tomando
lugar onde se estenda, cavernoso.
Ela, como mais fraca, lhe está dando
as côncavas entranhas, onde esteja
suas salgadas ondas espalhando.
A todas estas cousas tenho inveja
tamanha, que não sei determinar-me,
por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperar-me,
não posso, porque Amor e Saudade,
nem licença me dão para matar-me.
As vezes cuido em mim se a novidade
e estranheza das cousas, co a mudança
se poderão mudar uma vontade.
E com isto afiguro na lembrança
a nova terra, o novo trato humano,
a estrangeira gente e estranha usança.
Subo-me ao monte que Hércules tebano
do altíssimo Calpe dividiu,
dando caminho ao mar Mediterrâneo.
Dali estou tenteando aonde viu
o pomar das Hespéridas, matando
a serpe que a seu passo resistiu.
Em outra parte estou afigurando

o poderoso Anteu que, derrubado,
mais força se lhe estava acrescentando;
mas do hercúleo braço subjugado,
no ar deixou a vida, não podendo
da madre terra já ser ajudado.
Nem com isto, enfim, que estou dizendo,
nem com as armas tão continuadas,
de lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo remudadas,
porque o tempo ligeiro não consente
que estejam de firmeza acompanhadas.
Vi já que a Primavera, de contente,
de mil cores alegres revestia
o monte, o rio, o campo alegremente.
Vi já das altas aves a harmonia,
que até aos montes duros convidava
a um modo suave de alegria.
Vi já que tudo, enfim, me contentava,
e que, de muito cheio de firmeza,
um mal por mil prazeres não trocava.
Tal me tem a mudança e estranheza
que, se vou pelos campos, a verdura,
parece que se seca, de tristeza.
Mas isto é já costume da ventura;
que os olhos que vivem descontentes,
descontente o prazer se lhe afigura.
Ó graves e insofríveis acidentes
de Fortuna e de Amor que a penitência
tão grave dais aos peitos inocentes!
Não basta experimentar-me a paciência,
com temores e falsas esperanças,
sem que também me atente o mel de ausência?
Trazeis um brando animo em mudanças,
para que nunca possa ser mudado
de lágrimas, suspiros e lembranças.
E se estiver ao mal acostumado,
também no mal não consentis firmeza,
para que nunca viva descansado.
Vivia eu sossegado na tristeza,
e ali não me faltava um brando engano,
que tirasse os desejos da fraqueza.
E vendo-me enganado estar ufano,
deu à roda Fortuna, e deu comigo
onde de novo choro o novo dano.

Já deve de bastar o que aqui digo
para dar a entender o mais que calo,
a quem já viu tão áspero perigo.
E se nos bravos peitos faz abalo
um peito magoado e descontente,
que obriga a quem o ouve a consolá-lo;
não quero mais senso que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra:
ao menos poderei viver contente.
Porque se o duro Fado me desterra,
tanto tempo do bem que o fraco espírito
desampare a prisão onde se encerra,
ao som das negras águas de Cocito,
ao pé dos carregados arvoredos
cantarei o que na alma tenho escrito.
E, por entre esses hórridos penedos,
a quem negou Natura o claro dia,
entre tormentos ásperos e medos,
com a trêmula voz, cansada e fria,
celebrarei o gesto claro e puro
que nunca perderei da fantasia.
E o músico de Trácia, já seguro
de perder sua Eurídice, tangendo
me ajudará, ferindo o ar escuro.
As namoradas sombras, revolvendo
memórias do passado, me ouvirão;
e com seu choro, o rio irá crescendo.
Em Salmoneu as penas faltarão,
e das filhas de Belo, juntamente,
de lágrimas os vasos se encherão.
Que se o amor não se perde em vida ausente,
menos se perderá por morte escura;
porque, enfim, a alma vive eternamente,
e amor é afeito d'alma, e sempre dura.

XIII

O sulmonense Ovídio, desterrado
na aspereza do Ponto, imaginando
ver-se de seus parentes apartado;
sua cara mulher desamparando,
seus doces filhos, seu contentamento,
de sua pátria os olhos apartando;

não podendo encobrir o sentimento,
aos montes e às águas se queixava
de seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrelas contemplava,
e como por sua ordem discorria
o céu, o ar e a terra aonde estava.
Os peixes pelo mar nadando via,
as feras pelo monte, procedendo
como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
os saudosos rios de cristal,
a sua natureza obedecendo.
Assim só, de seu próprio natural
apartado, se via em terra estranha,
a cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha,
nos versas saudosos que escrevia,
e lágrimas com que ali o campo banha.
Destarte me afigura a fantasia a vida
com que vivo, desterrado do bem
que noutra tempo possuía.
Ali contemplo o gosto já passado,
que nunca passará pela memória
de quem o tem na mente debuxado.
Ali vejo a caduca e débil glória
desenganar meu erro, co a mudança
que faz a frágil vida transitória.
Ali me representa esta lembrança
quão pouca culpa tenho; e me entristece
ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
a causa tira o sentimento dela;
mas muito dói a que se não merece.
Quando a roxa manhã, formosa
e bela, abre as portas ao sol, e cai o orvalho,
e torna a seus queixumes filomela;
este cuidado que co sono atalho
em sonhos me parece; que o que a gente
para descanso tem, me dá trabalho.
E depois de acordado, cegamente
(ou, por melhor dizer, desacordado,
que pouco acordo tem um descontente)
dali me vou com passo carregado,
a um outeiro erguido, e ali me assento,

soltando a rédea toda a meu cuidado.
Depois de farto já de meu tormento,
dali estendo os olhos saudosos
à parte aonde tenho o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos;
e os campos sem graça e secos vejo
que já floridos vira e graciosos.
Vejo o puro, suave e brando Tejo,
com as côncavas barcas, que, nadando,
vão pondo em doce efeito seu desejo.
as co brando vento navegando,
outras cos leves remos, brandamente
as cristalinas águas apartando.
Dali falo co a água, que não sente
com cujo sentimento a alma sai
em lágrimas desfeita claramente.
Ó fugitivas ondas, esperai!
que, pois me não levais em companhia
ao menos estas lágrimas levai,
até que venha aquele alegre dia
que eu vá onde vós is, contente e ledó.
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pode tanto bem chegar tão cedo,
porque primeiro a vida acabará
que se acabe tão áspero degredo.
Mas esta triste morte que virá,
se em tão contrário estado me acabasse,
a alma impaciente aonde irá?
Que, se às portas tártaras chegasse,
temo que tanto mal pela memória
nem ao passar de Lete lhe passasse.
Que, se a Tântalo e Tício for notória
a pena com que vai que atormenta,
a pena que lá tem terão por glória.
Esta imaginação me acrescenta
mil mágoas no sentido, porque a vida
de imaginações tristes se sustenta.
Que, pois de todo vive consumido,
porque o mal que possui se resuma,
imagina na glória possuída,
até que a noite eterna me consuma,
ou veja aquele dia desejado,
em que Fortuna faça o que costuma;
—se nela há i mudar um triste estado.

XIV
(CAPÍTULO)

Aquele mover d'olhos excelente,
aquele vivo espírito inflamado
do cristalino rosto transparente;
aquele gesto imoto e repousado,
que estando n'alma propriamente escrito,
não pode ser em verso trasladado;
aquele parecer que é infinito
para se compreender de engenho humano,
o qual ofendo em quanto tenho dito,
me inflama o coração dum doce engano,
m'enleva e engrandece a fantasia,
que não vi maior glória que meu dano.

Oh bem-aventurado seja o dia
em que tomei tão doce pensamento,
que de todos os outros me desvia!

E bem-aventurado o sofrimento
que soube ser capaz de tanta pena,
vendo que o foi da causa o entendimento!
Faça-me, quem me mata, o mel que ordena;
trate-me com enganos, desamores;
que então me salva, quando me condena.

E se de tão suaves desfavores
penando vive uma alma consumida,
oh! que doce penar! que doces dores!

E se uma condição endurecida
também me nega a morte por meu dano,
oh! que doce morrer! que doce vida!

E se me mostra um gesto brando e humano,
como que de meu mal culpada se acha,
oh! que doce mentir! que doce engano!

E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
mostrando refrear o pensamento,
oh! que doce fingir! que doce cacha!

Assim que ponho já no sofrimento
a parte principal de minha glória,
tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem só na memória
de vos ver, linda Dama, vencedora,
que quero eu mais que ser vossa a vitória?

Se tanto vossa vista mais namora
quanto eu sou menos para merecer-vos,
que quero eu mais que ter-vos por Senhora ?
Se procede este bem de conhecer-vos
e consiste o vencerem ser vencido,
que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido,
só; na vista duns olhos tão serenos,
que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se meus baixos espíritos de pequenos,
ainda não merecem seu tormento,
que quero eu mais, que o mais não seja menos?
A causa, enfim, m'esforça o sofrimento,
porque, apesar do mal, que me resiste,
de todos os trabalhos me contento;
que a razão faz a pena alegre ou triste.

XV

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que o mundo se sustenta,
o revolver dos céus e dos planetas;
e se quando à memória se apresenta
este curso do Sol, que é tão medido
que um ponto só não minguia nem se aumenta;
aquele efeito, tarde conhecido,
da Lua, em ser mudável tão constante
que minguar e crescer é seu partido;
aquela natureza tão possante
dos Céus, que tão conforme se contrários
caminham, sem parar um breve instante ;
aqueles movimentos ordinários,
a que responde o tempo, que não mente,
cos efeitos da Terra necessários;
se quando, enfim, revolve sutilmente
tantas cousas a leve fantasia,
sagaz, escrutadora e diligente;
vê bem, se da razão se não desvia,
o altíssimo Ser, puro e divino,
que tudo pode, manda, move e cria ;
sem fim e sem começo: um ser contino;
um Padre grande, a quem tudo é possível,
por mais árduo que seja ao homem indigno;

um saber infinito, incompreensível;
uma verdade que nas cousas anda,
que mora no visível e no invisível.
Esta Potência, enfim, que tudo manda,
esta Causa das causas, revestida
foi desta nossa carne miseranda.
Do amor e da justiça compelida,
pelos erros da gente, em mãos da gente
(como se Deus não fosse!) perde a vida.
Ó cristão descuidado e negligente
pondera isto, que digo, repousado,
não passes por aqui tão levemente.
Não, que aquele Deus alto incriado,
Senhor das cousas todas, que fundou
o Céu, a Terra, o fogo e o mar irado,
não do confuso Caos, como cuidou
a falsa teologia e povo escuro,
que nesta só verdade tanto errou;
não dos átomos falsos de Epicuro;
não do largo Oceano, como Tales,
mas só do pensamento casto e puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
que por ti este grande Deus padece,
novo modo de morte, novos males.
Olha que o Sol no Olimpo se escurece,
não por oposição doutro planeta,
mas só porque virtude lhe falece.
Não vês que a grande máquina inquieta
do mundo se desfaz toda em tristeza,
e não por natural causa secreta?
Não vês como se perde a natureza?
O ar se turba? o mar, batendo, geme,
desfazendo das pedras a dureza?
Não vês que os montes caem? a terra treme?
E que até na remota e grande Atenas,
o sábio Dionísio sente e teme?
O sumo Deus! tu mesmo te condenas
pelo mal em que eu só sou tão culpado,
a Amanhas afrontas, tantas penas.
Por mim, Senhor, no mundo reputado
por falso e por quebrantados da lei
a fama de ti se põe do meu pecado.
Eu, Senhor, sou ladrão; tu, justo Rei;
eu, só furtei; tu, com ladrões padeces;

a pena a ti se dá do que eu pequei.
Eu, servo sem valor; tu, sumo preço,
em preço vil te pões, por me tirares
do cativo eterno, que mereço.
Eu, por perder-te; e tu, por me ganhares,
te dás aos homens baixos, que te vendem,
só para os homens presos resgatares.
A ti, que as almas soltas, a ti prendem;
a ti, sumo Juiz, ante juízes te acusam,
pelo erro dos que te ofendem.
Chamem-te malfeitor, não contradizes;
sendo tu dos Profetas a certeza,
dizem que quem te fere profetizes.
Rim-se de ti; tu choras a crueza
que sobre eles virá. A gente dura,
por quem tu vens ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja formosura
se veste o Céu e o Sol resplandecente,
diante de que muda está a Natura,
com cruas bofetadas da vil gente,
de precioso sangue está banhado,
cuspido, arrepelado cruelmente.
Aquele corpo tenro e delicado,
sobre todos os Santos sacrossanto,
de açoutes rigorosos flagelado;
depois, coberto mal de um pobre manto,
que se pegava às carnes magoadas,
para dobrar-lhe as dores outro tanto.
Magoavam-no as chagas não curadas,
um tormento causando-lhe, excessivo,
ao despir pelas mãos cruéis e iradas.
As santíssimas barbas de Deus vivo,
de resplendor ornadas lhe arrancavam,
para desempenhar Adão cativo.
Com cordas pelas ruas o levavam,
levando sobre os ombros o troféu
das vitórias que as almas alcançavam.
O tu que passas, homem Cireneu,
ajuda um pouco este Homem verdadeiro,
que agora como humano enfraqueceu!
Olha que o corpo, aflito do martírio
e dos longos jejuns debilitado,
não pode já co peso do madeiro.
Oh não enfraqueçais, Deus encarnado!

Essas quedas, que tanto vos magoam,
suportai, Cavaleiro sublimado!
Que aquelas altas vozes que lá soam,
Padres são que estão no Limbo escuro,
que já de louro e palma vos coroam.
Todos vos bradam, que subais ao muro
da cidade infernal, e que arvoreis
em cima essa bandeira, mui seguro.
Oh Santos Padres, não vos apresseis,
que muito mais a Deus que a vós custaram
essas duras prisões em que jazeis!
aquelas mãos, que o mundo edificaram,
aqueles pés, que pisam as estrelas,
com duríssimos pregos se encravaram.
Mas qual será a pessoa que as querelas
da angustiada Virgem contemplasse
que não se mova à dor e à mágoa delas?
E que dos olhos seus não estilasse
tanta cópia de lágrimas ardentes
que carreiras no rosto assinalasse?
Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
desfazendo-se em lágrimas, regando
aquelas belas faces excelentes!
Quem a vira cos gritos ir tocando
as estrelas, a quem responde o Céu,
cos acentos dos Anjos retumbando!
Quem vira quando o claro rosto ergueu
a ver o Filho, que na Cruz pendia,
donde a nossa saúde descendeu!
Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão míseras e tristes
para o Céu, para a gente espalharia!
Pois que seria, Virgem, quando vistes
com fel nojoso e com vinagre amaro
matar a sede ao Filho que paristes?
Não era este o licor suave e claro
que, para o confortar, então daríeis
a quem vos era, mais que a vida, caro.
Como, Virgem Senhora, não corríeis
a dar as tetas puras ao Cordeiro
que padecer na Cruz com sede víeis?
Não só era esse, Senhora, o verdadeiro
poto, que vosso Filho desejava
morrendo pólo mundo num madeiro;

mas [era] a salvação, que ali ganhava
para o mísero Adão, que ali bebia
na fonte, que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e Santíssima Maria,
que, enfim, sentistes esta magoa, quanto
a gravidade dela o requeria;
dessa Fonte sagrada e peito santo
me alcançai uma gata, com que lave
a culpa, que me agrava e pesa tanto.
Do licor salutífero e suave
me abrangei, com que mate a sede dura
deste mundo tão cego, torpe e grave.
Assim, Senhora, toda a criatura
que vive e viverá, que não conhece
a Lei do vosso Filho, santa e pura;
o falsíssimo herege, que carece
da graça, e com danado e falso espírito
perturba a Santa Igreja, que floresce;
O povo pertinaz, no antigo rito,
que só o desterro seu, que tanto dura,
lhe diz que é pena igual ao seu delito;
o torpe Ismaelita, que mistura
as leis, e com preceitos viciosos
na terra estende a seita falsa, impura;
os idólatras maus, supersticiosos,
vários de opiniões e de costume,
levados de conceitos fabulosos;
as mais remotas gentes, onde o lume
da nossa fé não chega, nem que tenham
religião alguma se presume;
assim todos, enfim, Senhora, venham
confessar um só Deus crucificado,
e por nenhum respeito se detenham.
Mas de todos o vicio já passado,
o Seu nome co vosso, neste dia
seja por todo mundo celebrado
E respondam os Céus: JESUS, MARIA.

XVI

*À morte de D. Miguel de Meneses,
filho de D. Henrique de Meneses,
governador da casa do Cível, que*

Que novas tristes são, que novo dano,
que mal inopinado incerto dano,
tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as praias úmidas de Goa
ferver de gente atônita e torvada
do rumor que de boca em boca soa.
É morto D. Miguel (ah! crua espada!)
e parte da lustrosa companhia
que se embarcou na alegre e triste armada;
de espingarda ardente e lança fria
passado pelo torpe e único braço
que nossas altas famas injuria.
Não lhe valeu rodela ou peito de aço,
nem animo de Avós altos herdado,
com que se defendeu tamanho espaço;
não ter-se em derredor todo cercado
de corpos de inimigos, que exalavam
a negra alma do corpo traspassado;
não com palavras fortes, que voavam
a animar os incertos companheiros,
que fortes caem e tímidos viravam.
Mas já postos nos termos derradeiros,
passados por mil partes e cortados
os membros, só do nobre esforço inteiros,
os olhos, de furor acompanhados,
que inda na morte as vidas amedrontam
dos fracos inimigos espantados,
postos no Céu, parece que apresentam
a pura alma à suprema Eternidade,
por quem os Céus e Terra se sustentam.
E, pedindo dos erros que na idade
verde e quase inocente já fazia,
perdão à pia e justa Majestade,
as rosas apartou da nove fria;
e, como flama fraca, a quem falece
seu úmido licor, de que vivia,
nas mãos do Coro Angélico, que desce,
se entrega; e vai gozar da vida eterna
que com tão justa morte se merece.
Vai-te, alma, em paz à glória sempiterna!
Vai, que quem pela Lei santa e divina
morre, a dá a Deus, que os Céus governa.

Quando pela razão devida e dina
do Rei, da Pátria, e honra dos passados
sacrificar a vida nos ensina,
nos assentos de estrelas esmaltados
lhe dá lugar a altíssima Clemência
entre os heróis à glória destinados.
Mas, ah! quem sofrerá perpétua ausência
e tão caro Senhor, tão fido amigo!
Quem porá contra mágoas resistência?
Aquele animo grande, que do antigo
de seus maiores era alto retrato,
desprezador de todo o vil perigo;
misturado com doce e brando trato
cos iguais Juntamente' e cos menores
a todos amoroso, a todos grato;
aquele espírito nobre, onde maiores
esperanças cresciam, se o tão duro
caso, as não cortara em novas flores;
em verde idade, siso já maduro,
alegre riso, ledo e aberto peito, e
m repousado espírito seguro;
não soberbo e por arte contrafeito,
mas todo puro e, enfim, da natureza
mais para o Céu que para a terra feito;
também do corpo a humana gentileza
o bem talhado gesto, que mostrava
forças iguais e manhas com destreza;
a cor, que o fresco rosto matizava,
as rosas, flores novas de alegria,
com que o Verão as faces adornava;
tudo os fios da Morte, que desvia
dos propósitos nossos e salteia,
cortaram cruamente, quando abria.
Deixa pois tu, formosa Citereia,
do gentil filho e neto de Ciniras
o pranto pela morte horrenda e feia.
E tu, dourado Apolo, que suspiras
pelo crespo Hiacinto, moço caro,
por quem a clara luz ao mundo tiras;
vinde e chorai um moço ao mundo raro,
não de ferino dente vulnerado,
nem de animal algum que haja reparo,
mas só do fero inimigo traspassado;
que, sem dúvida incerta ou pio medo,

a vida pôs nas mãos de Marte irado.
Está tu também, moço Idálio, quedo,
deixa de dar o venenoso mel a beber
pelos olhos triste e ledos,
que já os formosos olhos de Miguel
cobertos são do negro e escuro manto
da lei geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Téspis, que do canto
podeis bem mitigar a lei imensa
dos irmãos generosos e alto pranto,
não consintais que façam larga ofensa
à grande integridade, que, se devem,
não são águas do dano recompensa.
Que já, diante, os olhos me descrevem,
quando as bocas da fama voadora
ao pátrio e claro Tejo as novas levem,
a profunda tristeza, que em uma hora
tal posse tomará dos altos peitos,
que a razão quase deite fora.
Ali, de dor, os corações sujeitos
pesadas lhe serão consolações
e pesados exemplos e respeitos.
Pequena é certo a dor, que com razões
se pôde refrear, nem com memória
de outros antigos e íntegros varões.
Mas porém se igualais a vida à glória,
meu grande Dom Filipe, e pretendeis
deixar de vossas obras larga história,
eu não vos admoesto, que estreiteis
o coração na estóica disciplina,
onde livre de efeitos vos mostreis,
que mal natura nossa determina
medo, esperanças, dores e alegria,
como o Cínico velho nos ensina.
Imanidade estúpida (diria
o sulmonense canto) e vil rudeza
é não sentir afeitos, que a alma cria.
Porém, se não sentir nada é bruteza,
e se paixão de vida se consente,
também o sentir muito é já fraqueza.
Se dói a opinião do mal presente,
e medo e opinião do mal futuro,
são, enfim, tudo opiniões da gente.
O verdadeiro sábio está seguro

de leves alegrias e de espanto de dor,
que turba da alma o licor puro.
Inda antes que aconteça o riso e o pranto
os tem já no sentido meditados,
livre está de alvoroço e de quebranto.
E como de alta torre vê cuidados
humanos vãos, e aquela indiferença
de ambições e cobiças e Recados;
todo caso acha nele só presença,
que, como as febres são da carne humana,
assim os afeitos d'alma são doença.
Se esta doutrina credes, que é profana,
ponde os olhos na nossa, que é divina,
e sobre todas santa e soberana.
Vereis Arão, que não se contamina
sobre os montes seus, que defendida
a dor lhe foi da santa disciplina.
Não chega a ver parentes, que da vida
partidos são, que n'alma a Deus agrada
que nenhuma aflição do mundo impida.
Nós somos geração a Deus dedicada
sacerdotal, que em tempo nenhum deve
do gentílico culto ser tocada.
Se dos antigos Padres já se escreve,
que, chorando, aos mortos enterraram
com dor e pranto público, e não leve,
era porque ainda as portas não quebraram
do Céu sereno aquelas mãos cravadas
que os antigos contágios alimpavam.
E também por ornar as sempre usadas
pompas do funeral enterramento
com públicas exéquias costumadas.
Esta alta fortaleza e sofrimento
como a forte Varão vos é devido,
e como lei do santo documento.
Bem conheço que o corpo assim perdido,
que do sepulcro nobre aqui carece
será de aves ou feras consumido.
Mortos os Espartanos valorosos,
da fera multidão fazendo estremos
tais epitáfios tinham gloriosos:
Dirás, hóspede, tu, que aqui jazemos
passado do inimigo fero, enquanto
às santas leis da Pátria obedecemos.

Fugindo os Persas vão com frio espanto,
mas acham as mulheres no caminho
amostrando-lhe o ventre sem ter manto:
—Pois fugis do perigo, que é vizinho,
fracos! vinde esconder-vos (lhe diziam)
outra vez no materno, escuro ninho.
Vedes quais com mais glória ficariam
se aqueles que enfim morreram pelo Estado,
se os outros, que as mulheres injuriam.
Mas tu, claro Miguel! que já acordado
deste sonho tão breve, estás naquela
torre do Céu, seguro e repousado,
onde, com Deus unida a forte e bela
alma, com teus maiores reluzindo,
por cada chaga tens uma clara estrela;
os pés o cristalino Céu medindo,
pisando essas lucíferas Esferas,
já da terrena os olhos encobrindo;
agora um curso e outro consideras,
agora a vaidade dos mortais,
que tu tão bem passaras, se viveras.
Mais a pena cantara, a poder mais.

XVII

*Dom Leonis Pereira sobre o livro
e Peão de Magalhães lhe ofereceu do
descobrimento da terra de Santa Cruz*

Depois que Magalhães teve tecida
a breve história sua, que ilustrasse
a terra Santa Cruz, pouco sabida,
imaginando a quem a dedicasse,
ou com cujo favor defenderia seu livro,
de algum zoilo que ladrasse;
tendo nisto ocupada a fantasia,
lhe sobreveio um sono repousado,
antes que o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe aparece, todo armado,
Marte, brandindo a lança furiosa,
com que fez, quem o viu, todo enfiado,
dizendo, em vez pesada e temerosa:
Não é justo que a outrem se ofereça

nenhuma obra que possa ser famosa,
senão a quem por armas resplandeça
no mundo todo com tal nome e fama
que louvor imortal sempre mereça.
Isto assim dito, Apolo, que da flama
celeste guia os carros, de outra parte
se lhe apresenta, e por seu nome o chama,
dizendo:—Magalhães, posto que Marte
com seu terror te espante, todavia
comigo deves só aconselhar-te.
Um Varão, sapiente, em quem Tália
pôs seus tesouros e eu minha ciência,
defender tuas obras poderia.
E justo que a escritura na prudência
ache só defesa, porque a dureza
das armas é contrária da eloquência.
Assim disse; e, tocando com destreza
a cítara dourada, começou
de mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercúrio, que sempre costumou
a despartir porfias duvidosas,
co caduceu na mão, que sempre usou,
determina compor as perigosas
Opiniões aos deuses inimigos,
com razões boas, justas e amorosas;
e disse:—Bem sabemos dos antigos
heróis e dos modernos, que provaram
de Belona os gravíssimos perigos,
que também muitas vezes ajuntaram
às armas eloquência, porque as Musas
mil capitães na guerra acompanharam.
Nunca Alexandre ou César, nas confusas
guerras deixaram o estudo em breve espaço,
nem armas da ciência são escusas.
Numa mão livros, noutra ferro e aço,
a uma rege e ensina, a outra fere;
mais co saber se vence que co braço.
Pois, logo, Varão grande, se requiere,
que com teus does, Apolo, ilustre seja,
e de ti, Marte, palma e glória espere.
Este vos darei eu, em quem se veja
saber e esforço no sereno peito,
que é Dom Leonis, que faz ao mundo inveja.
Deste as Irmãs em vendo o bom sujeito,

todas nove nos braços o tomaram,
criando-o co seu leite no seu leito.
As artes e ciência lhe ensinaram,
inclinação divina lhe influíram,
as virtudes morais, que o logo ornaram.
Daqui os exercícios o seguiram,
das armas no Oriente, onde primeiro
um soldado gentil instituíram.
Ali tais provas fez de cavaleiro,
que de cristão magnânimo e seguro,
a si mesmo venceu por derradeiro.
Depois, já capitão forte e maduro,
governando toda Áurea Quersoneso,
lhe defendeu co braço o débil muro;
porque vindo a cercá-la todo o peso
do poder dos Achéns, que se sustenta
do sangue alheio, em fúria todo aceso;
este só, que a ti, Marte, representa,
o castigou de sorte, que o vencido
de ter quem fique vivo se contenta.
Pois tanto que o grão Reino defendido
deixou segunda vez com maior glória,
para o ir governar foi elegido.
E não perdendo ainda da memória,
os amigos, O seu governo brando,
os inimigos, o dano da vitória;
uns, com amor intrínseco, esperando
estão por ele, e os outros, congelados,
o vão, com temor frio, receando.
Pois vede se serão desbaratados
de todo por seu braço, se tornasse,
e dos mares da Índia degradados;
porque é justo que nunca lhe negasse
o conselho de Olimpo alto e subido
favor e ajuda, com que pelejasse.
Pois aqui certo está bem dirigido
de Magalhães o livro, este só deve
de ser de vós, ó deuses, escolhido.
isto Mercúrio disse, e logo em breve
se conformaram nisto Apolo e Marte,
e voou juntamente o sono leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
a vos oferecer, Senhor famoso,
tudo o que nele pôs ciência e arte.

Tem claro estilo, engenho curioso
para poder de vós ser recebido,
com mão benina de animo amoroso.
Porque só de não ser favorecido
um claro espírito, fica baixo e escuro:
pois seja ele convosco defendido
como o foi de Malaca o fraco muro.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014